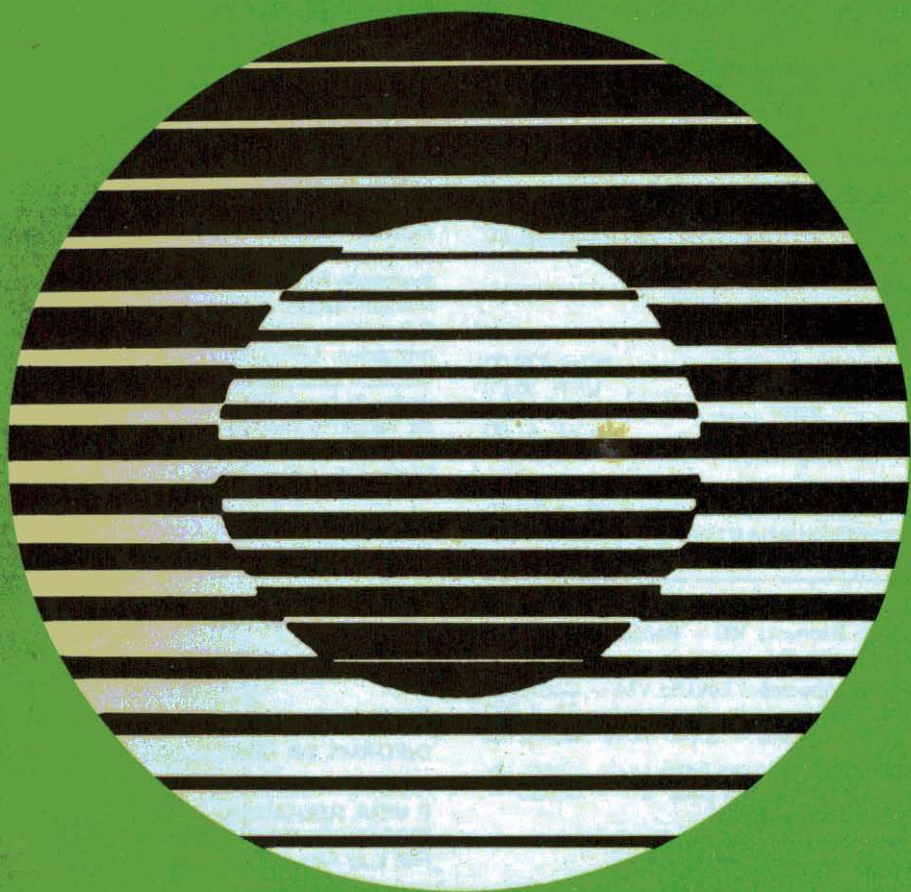


convergência

JAN/FEV — 1990 — ANO XXV — Nº 229



-
- **NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA:
EXIGÊNCIA DE CONVERSÃO** — Fr. Luiz F. Peixoto, OFM — página 13
 - **FORMAÇÃO, VIDA AFETIVA E COMUNIDADE**
Pe. Dalton Barros de Almeida, CSSR — página 18
-

EDITORIAL

"SOB NOVA DIREÇÃO"

1. É freqüente ver-se na fachada de postos de gasolina, a inscrição: "Sob nova direção". O objetivo do anúncio é provavelmente o de gerar nos clientes confiança e desejo de conhecer o "novo" que a troca de direção supostamente está oferecendo à freguesia.

A direção da CRB Nacional mudou em julho de 1989. Nos meses seguintes renovou-se a direção das 17 Seções Regionais. Tal câmbio não deixa de criar certa curiosidade. Só o tempo responderá às expectativas. Não pretendo confeccionar faixas com a inscrição acima, para colocá-las à porta de nossa sede nacional ou regional. Para a CRB o importante não é trabalhar neste nível quase sub-liminar de nossos anseios e sonhos. O que interessa, como a XV AGO deixou claro, é manter a caminhada da Vida Religiosa, é estar atento aos ritmos e direcionamentos que a realidade e o Evangelho lhe pedem.

2. Na revista CONVERGÊNCIA também nosso objetivo será o de acompanhar de perto o pulsar da Vida Religiosa brasileira. Para 1990, ela será programada em função dos desafios e exigências colocados por nosso caminhar. Alguns eixos temáticos, no entanto, estão previstos. Um deles, a Nova Evangelização, põe-se co-

mo exigência urgente de nossa prática e como decorrência da última Assembléia Geral, em 1989. Além disso, a Assembléia dos Bispos da América Latina, prevista para 1992, em SANTO DOMINGO, levantará inúmeras pistas e interrogações em torno desse tema gerador de inesgotável poder de mobilização eclesial. CONVERGÊNCIA procurará iluminar aos poucos os aspectos que, na perspectiva da Vida Religiosa, pedem luz e aprofundamento.

A complexa questão da CULTURA, p.ex., não poderá deixar de nos interessar. É a própria exigência da inculturação, vivida pelos Religiosos(as), que nos pede mais reflexão sobre esse aspecto do mundo pluricultural brasileiro. Como povo, fomos habituados a acreditar na exigência de uma suposta cultura nacional. A tomada de consciência propiciada pelo V Centenário da Evangelização irá provocar forte revisão conceitual e prática de nossos pontos de vista.

Há vários temas circunstanciais a que, em CONVERGÊNCIA, se dará atenção. Todos eles são mencionados nas LINHAS DE AÇÃO apontadas pela Assembléia Geral de 1989, para o triênio seguinte. Por exemplo: a Campanha da Fraternidade de 1990, abordará a situação e o papel

da MULHER na sociedade e na Igreja. São desafios muito grandes que deverão levar a mulher consagrada a uma nova consciência de seu papel evangelizador e, mais ainda, a uma percepção mais crítica em relação à condição da mulher brasileira. O tema da EDUCAÇÃO também será tratado. A CNBB, em sua Assembléia de 1990, dedicará a esse assunto, especial atenção. Seja a educação formal, com seus inúmeros problemas, seja a educação popular com seus anseios, virão à tona, dentro do conjunto maior da evangelização no Brasil. Sem esquecer os aspectos técnicos da educação, CONVERGÊNCIA procurará enfocar a dimensão que toca mais diretamente a Vida Religiosa enquanto tal e a serviço da pastoral da educação. Outros tópicos possivelmente em pauta na revista serão os de nossa participação nos movimentos populares, nossa presença no mundo do trabalho, nossa responsabilidade na formação do laicato, o serviço profético-evangelizador AD GENTES, as questões da formação, da espiritualidade. A demanda nascida das bases orientará a organização da pauta de CONVERGÊNCIA.

3. O V Centenário da Evangelização desperta em nós um maior sentido para a grande fraternidade latino-americana. A consideração do que se passa na Vida Religiosa de outros países se impõe como necessidade do momento. Precisamos conhecer melhor sua história passada e seu presente. Agora que a CLAR decidiu pela não continuação do PLANO PALAVRA-VIDA, dados os obstáculos encontrados, precisamos pensar formas para aumentar nosso conhecimento e amor à Sagrada Escritura. Os temas bíblicos passam a ter especial importância espiritual para nossa vida e trabalho.

4. "Sob nova direção?" A Direção de CONVERGÊNCIA continuará basicamente a mesma. A ela e aos colaboradores de nossa revista quero externar a gratidão de todos os Religiosos(as) pelo inestimável serviço prestado por esta Equipe. Em time que está vencendo, o técnico não deve mexer. É o que fará a CRB. Pedirá apenas a esta Direção bem sucedida, que renove seu esforço e dedicação para poder captar bem "as direções" para onde nos impele o Espírito.

Pe. Edênio Valle SVD
Presidente Nacional da CRB

"Lembra-te de JESUS CRISTO", 2 Tm 2, 8. O prefácio dá o sentido do livro. JESUS é o prefácio da vida. É a partir dele que a vida se entende. Com Cristo, em Cristo e por Cristo, viver, perseverar, morrer e reinar (Pe. Marcos de Lima, SDB).

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

IV ENCONTRO DE CONFERÊNCIAS DE RELIGIOSOS DO CONE SUL

De 3 a 7 de outubro de 1989, na Casa de Espiritualidade Salesiana, em SANTIAGO do CHILE, reuniram-se pela quarta vez, as Diretorias de Conferências de Religiosos do CONE SUL (Argentina — duas Conferências: masculina e feminina —, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), para intercomunicação e estudo do tema "Afetividade e Vida Religiosa". Dado o interesse e a especificidade do assunto, foram convidados a participar do Encontro alguns Psicólogos Religiosos de cada Conferência. Ao todo fizeram-se presentes quarenta pessoas. Representando a CRB, participaram o Presidente Nacional Pe. Edênio Valle SVD, os Diretores Irmã Teresinha Pegoraro CSJ, Irmã Maria de Lurdes Gascho CF, Irmã Maria do Carmo Costa PGap e Pe. Cláudio Trudelle RSV, o Assessor Nacional Pe. Atico Fassini MS, bem como os Pes. Manuel Maria Rodrigues Losada OM, Dalton Barros de Almeida CSSR e Victoriano Baquero SJ, membros do Grupo de Reflexão de Psicólogos a serviço da Vida Religiosa (GRP) da CRB Nacional. O tema central fora preparado pelo GRP/CRB que também teve a alegria de levar ao Encontro o livro "Afetividade e Vida Religiosa", por ele elaborado, e publicado poucos dias antes pela CRB.

Os trabalhos do Encontro, com a coordenação de Irmã Angélica Naveillan ESC, Secretária da Conferência de Religiosos (CONFÉRRE) do Chile, Irmã Maria Izabel Sacerdote SSC, Presidenta da Conferência de Religiosas (CONFER) da Argentina, e Pe. Atico Fassini MS, Assessor Nacional da CRB, se desenvolveram a partir de três coordenadas:

a) Apresentação e análise dos dados de uma sondagem previamente feita, sobre afetividade e Vida Religiosa, com base nas mesmas perguntas, entre Religiosas e Religiosos a nível das diferentes Conferências reunidas. Depois de uma introdução geral ao tema do Encontro, pelos Pes. Edênio Valle SVD e Atico Fassini MS, cada Conferência apresentou os dados pesquisados. Sobre o conjunto desses trabalhos se fez, a seguir, uma dinâmica de grupos e plenário para se detectarem as constantes e vazios percebidos, bem como os desafios para a formação da afetividade em vista de uma Vida Religiosa sadia, adulta, equilibrada. CONVERGÊNCIA publica nesta edição, o resultado da pesquisa feita a nível de CRB, concebida, aplicada, tabulada e analisada pelo GRP.

b) Palestra feita pelo Pe. Manuel Losada OM, do GRP/CRB, para uma visão panorâmica do tema central quanto a seus conceitos básicos, para iluminar os trabalhos do Encontro. Uma dinâmica

de grupos e plenário completou as atividades em torno do tema.

c) Comunicações mútuas, entre as Conferências representadas, o que ofereceu amplo espaço de diálogo sobre entreadjuada em torno de projetos, realizações, dificuldades e desafios de cada Conferência no esforço de animação e promoção da Vida Religiosa na respectiva área. Nessa perspectiva, o Presidente da CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS (CLAR), Frei Luís Coscia OFM Cap., explanou pormenorizadamente a difícil situação da entidade por ele presidida, em relação ao chamado Plano PALAVRA-VIDA e ao Secretariado da CLAR. Essa intercomunicação permitiu o posterior encaminhamento de conclusões.

Ao longo do Encontro os participantes foram agraciados com a presença e palavra de Dom Carlos González, Presidente da Conferência dos Bispos do Chile e do venerando Cardeal Raúl Silva Henríquez, Arcebispo Emérito de Santiago.

O ambiente do Encontro foi extremamente fraterno, numa aprazível localização aos pés da cordilheira dos Andes. A CONFERRE, anfitriã e organizadora do evento em seu conjunto, criou, por seu Presidente Pe. José Maria Arnaiz SM, por sua Diretoria e Secretariado, um clima cordialmente acolhedor. Depois da Eucaristia de encerramento, os participantes foram convidados a um simpático jantar de despedida na sede da CONFERRE.

O IV Encontro do CONE SUL chegou às seguintes conclusões:

1) Cada Conferência Nacional se compromete a realizar diferentes atividades

com o objetivo de sensibilizar suas bases sobre o tema da afetividade e Vida Religiosa.

2) A Federação dos Religiosos do Uruguai (FRU) se compromete a traduzir para o espanhol o livro "AFETIVIDADE E VIDA RELIGIOSA", elaborado e apresentado a esta assembléia pela CRB.

3) A CRB dispõe-se a abrir o Seminário Nacional de Psicólogos a serviço da Vida Religiosa, previsto para o mês de outubro do próximo ano, em Belo Horizonte, a psicólogos religiosos do CONE SUL. O tema do referido Seminário será "Análise psicossocial das instituições religiosas: grupos e estruturas". Esse encontro poderá se prolongar por mais alguns dias, para intercâmbio entre os Psicólogos Religiosos das diferentes Conferências. Poderá ser enriquecido com o aporte de especialistas em outras áreas das ciências humanas.

4) Para se responder à necessidade de cursos para formadores e superiores, o Chile oferece a possibilidade de acolher alguns estrangeiros em seu Curso de Formadores, o CONFERRE, no ano próximo, e o Brasil dará a oportunidade a Religiosos indicados pelas Conferências do CONE SUL, de participar do CETESP da CRB, para se tornarem agentes multiplicadores depois, nos respectivos países. Além disso, Chile e Brasil se dispõem a colaborar em semanas de formação a serem organizadas por estas Conferências.

5) O IV Encontro do CONE SUL por unanimidade acolhe e encaminha à CLAR a proposta apresentada pelo Pe. Cláudio Trudelle RSV, sugerindo-se à mesma CLAR que, através da INTERAMERICANA de Religiosos, seja convocado um Encontro de Superiores e Su-

periores Maiores das Américas, para julho de 1991, em São Paulo, Brasil, pedindo-se que a organização do mesmo Encontro seja confiada a uma Comissão integrada por representantes de diferentes regiões das três Américas.

6) O CONE SUL decide realizar seu próximo Encontro no Paraguai, durante a Quaresma de 1992, quando se estudará o Documento Preparatório da Conferência dos Bispos em SANTO DOMINGO em relação à Vida Religiosa. A preparação do tema do V Encontro estará a cargo da Conferência de Religiosos do Paraguai (FERELPAR).

Pe. Atico Fassini MS
Assessor Nacional

ATA DA REUNIÃO DOS SUPERIORES MAIORES RESPONSÁVEIS POR MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL ESCRITA

1. Às 9 hs de 15 de setembro de 1989, na sede nacional da CRB, a convite do Presidente da CRB, em Circular 076/89, de 21 de junho de 1989 reuniram-se os seguintes Superiores Maiores ou Delegados, Responsáveis por grandes Meios de Comunicação Social escrita (jornais, revistas, editoras) no Brasil: Irmã Maria Dolores Massaretti, FSP, Delegada da Provincial, Pe. Oswair Chiozini, CMF, Provincial, Pe. Sebastião Sant'Ana Silva, SDN, Superior Geral, Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, SDB, Vice-Provincial, Pe. Flavio Cavalca de Castro, CSSR, Vice-Provincial, Frei Estevão Ottenbreit, OFM, Ministro Provincial. Como convidado especial, Frei Clarêncio Neotti OFM também participou da reu-

nião. Representaram a CRB o Pe. Atico Fassini MS, que coordenou a reunião e Ir. Célia Gomes Cerveira SSD, ambos Assessores Nacionais.

2. Na abertura da reunião, Pe. Atico deu as boas vindas a todos, justificando a ausência de Pe. João Edênio Reis Vailé SVD, Presidente Nacional da CRB, convocado em caráter de urgência para uma viagem a Roma. Lamenta a ausência de parte dos convidados, quinze ao todo. No entanto, observa, por se tratar da primeira reunião no gênero, é expressiva a representatividade do grupo. A seguir, solicita a cada um que se apresente aos demais, feito o que, é lida a Parábola do semeador, em Lucas, para um momento de oração. Após essa oração inicial, Pe. Atico situa o sentido da presente reunião. É a primeira vez que a Presidência da CRB convida a Superiores Maiores ligados a MCS escrita, para um diálogo. Há mais tempo era desejado esse encontro. Na verdade, a XIV Assembléia Geral Ordinária da CRB, em 1986, estabeleceu, pela Linha de Ação nº 6 de sua Prioridade, que a CRB se empenhasse em animar os Religiosos nesse campo dos MCS. Pouco ou nada se fez no entanto, nesse período, a não ser participar de Encontros de Responsáveis por Revistas e Jornais Católicos, promovidos pela UCLAP e CNBB. A XV Assembléia da CRB, em julho de 1989, voltou ao assunto, em sua 7ª Linha de Ação. Por outro lado, a CNBB organizou a CF/89 sobre "Comunicação para a verdade e a paz", o que despertou mais ainda a necessidade de a CRB se engajar nesse campo, para animação da Vida Religiosa no Brasil. É preciso ajudar os Religiosos e Religiosas a buscarem sempre mais uma consciência crítica diante dos MCS, e a necessária formação para seu uso pas-

toral, dado o imenso potencial evangelizador deles. Diante disso tudo, surge a pergunta: — Que podemos fazer então, numa conjugação de esforços a nível intercongregacional e com a CRB?

3. Pe. Atico propõe que cada um exponha brevemente os problemas e perspectivas encontrados nessa área dos MCS, na própria realidade. Da conversação surgiram os seguintes grandes problemas: a) visões eclesiológicas contrárias, entre os responsáveis pelos MCS; nos MCS se refletem os grandes problemas da Igreja hoje; como os MCS servem à missão, à libertação?; b) o problema da relação entre missão a que os MCS devem servir e a estrutura empresarial que os suporta, com tudo que esse tipo de estrutura implica hoje; c) Diante da multiplicidade de linhas ideológicas, qual delas seguir? É importante que uma editora tenha uma linha definida?; d) o problema da disponibilidade de jovens religiosos e religiosas em assumir hoje tais empreendimentos, e o problema grave de sua adequada preparação para tanto; e) A questão séria da relação entre carisma congregacional e atuação na área do MCS; f) Há problemas de ordem jurídica entre Províncias e MCS a que estão ligadas, além de conflitos com a Hierarquia.

4. Após esse diálogo, Frei Clarêncio Neotti OFM, convidado para tanto a essa reunião, fez uma valiosa reflexão, com destaque para os seguintes pontos: a) A quase totalidade dos MCS católicos, no Brasil, está nas mãos de Religiosos ou Religiosas. Isso é fato único na América Latina. É importante manter uma independência responsável desses MCS em relação ao conjunto da Igreja e da Sociedade, sobretudo diante dos recuos conservadores aqui e ali surgi-

dos na Igreja no Brasil. Como na Igreja, também na estrutura empresarial dos MCS há uma linguagem vertical. A vertente democrática que permeia a sociedade, no entanto, alimenta a linguagem horizontal. Disso nascem entrechoques.

Por isso importa fazer-se a pergunta: A quem servimos? A que modelo de Igreja e de sociedade queremos servir? b) É preciso também unir esforços entre os diferentes MCS escrita aqui representada. Os Encontros entre responsáveis por Revistas e Jornais Católicos vêm dando seus resultados. Mas é pouco ainda. Há o problema das co-edições de Documentos Eclesiásticos, ainda não resolvido, bem como das co-edições possíveis do Missal, da Liturgia das Horas, etc. Não haveria possibilidade de melhor articulação nessa área, entre as Editoras, para melhor serviço pastoral? c) A formação e os MCS: em primeiro lugar, a formação de nossos jovens vocacionados nesse campo. A Igreja estabeleceu orientação para tanto. Mas, o que fazemos nós? Qual o currículo a esse respeito, em nossas Casas de Formação? Em segundo lugar: a questão da profissionalização das religiosas e religiosos que assumem a direção dos MCS. Mais do que nunca se exige competência não só em termos de comunicação mas também de administração. É preciso preparar então, os responsáveis de amanhã; d) Observa-se uma grave lacuna em termos de pastoral da comunicação: quanto se saiba, não há um religioso ou religiosa que se dedique a um serviço pastoral integral entre os que compõem o universo humano da comunicação: jornalistas, artistas de TV, Rádio e outros. Esse mundo está abandonado pastoralmente. Em contrapartida, nesse ambiente grassam espiritismo, orientalismo e pentecostalismo.

Certos grupos carismáticos, por sua vez, descobriram esse filão pastoral e vêm tendo relativo sucesso. É preciso aprofundar uma mística, uma espiritualidade da comunicação entre religiosas e religiosos para que possam assumir a missão evangelizadora como profetas nesse mundo secularizado da comunicação social.

5. Depois dessas reflexões, Pe. Atico encaminhou o momento das conclusões da presente reunião, fazendo inicialmente um mapeamento das áreas carentes de ação e nesse encontro apontadas: a) MCS e formação inicial em nossas Casas de Formação (formação da consciência crítica, iniciação à comunicação); b) Animação da Vida Religiosa dos que trabalham nessa área, através de Seminários ou Encontros sobre temas como: Mística da Comunicação, Evangelização e Comunicação; Visões eclesiológicas e comunicação; c) O que os Religiosos e Religiosas podem e devem fazer em termos de pastoral, junto aos agentes de comunicação; d) Necessidade da formação permanente de nossas Religiosas e Religiosos quanto à evangelização e comunicação; e) Formação dos leigos que trabalham junto aos MCS de nossas Congregações; f) E acrescentou a pergunta: seria necessária e oportuna a organização de um Grupo de Reflexão sobre Comunicação (GRC) junto à CRB Nacional?

6. Face a esse mapeamento, diversas sugestões apareceram: reunião entre Provinciais e Responsáveis diretos pelo comando dos MCS para discutirem em conjunto, os problemas existentes na área da comunicação; insistência na formação inicial de nossos formandos e formandas para a comunicação; formação de nossos leigos; solidificar o mú-

tuo apoio entre Provinciais que trabalham nesse campo da comunicação; e futuramente, na medida das conveniências e necessidades, a organização de um GRC junto à CRB Nacional.

7. O discernimento feito em relação a essas diferentes sugestões levou a se concluir, por ora, com duas decisões apenas: a) uma reunião entre Provinciais e Executivos (i.é., os responsáveis diretos pelo comando dos MCS nas diferentes províncias) de MCS escrita, falada e televisada, no dia 31 de maio de 1990, na sede da CRB Nacional, com dinâmica semelhante à da presente reunião, tendo-se como assessor o mesmo Frei Clarêncio Neotti OFM, para se ver o que se pode fazer juntos; b) Levar a preocupação quanto à formação para a comunicação, a nível inicial e permanente, ao Encontro da Diretoria e Assessores Nacionais com os Presidentes e Assessores Regionais da CRB, em Brasília, no final de outubro próximo, para que, em cada Regional da CRB, se desencadeie um trabalho nessa perspectiva.

8. Depois dessas conclusões, se fez a avaliação da presente reunião, tendo-se observado o seguinte: a reunião foi válida; despertou para a nova cultura tecnocrônica, pós-moderna, a que o MCS estão cada vez mais atrelados; ajudou a desmistificar a ação individual nessa área e a estimular uma ação conjunta, com relações de interajuda fraterna; o clima da reunião foi muito fraterno; lamenta-se a ausência dos demais convidados; embora inicialmente não se visse muito o sentido da reunião, a reflexão feita no decorrer dela ajudou muito; o encontro foi muito válido.

9. Às 15h30m, com os agradecimentos expressos por Irmã Célia e Pe. Ati-

com todos os presentes, se encerrou a reunião com a prece da Ave Maria, prece da comunicação da Boa Nova da Encarnação do Verbo.

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1989.

Irmã Célia Gomes Cerveira SSD
Secretária ad hoc

O SERVIÇO À SAÚDE E A ÉTICA DA VIDA

Aconteceu em Goiânia (25-29/8/89) mais um Encontro Nacional do setor Saúde. O Encontro esteve, preferencialmente, endereçado aos(as) religiosos(as) da área da Saúde que trabalham em instituições. Vindo de todas as regiões do país reuniu-se um significativo número de religiosos(as), demonstrando a sede de conhecimento e discernimento, a vontade de refletir e aprofundar as experiências, a manifestação de comunhão e solidariedade... É o inserimento a partir de um testemunho vivo, terno e profético na história do povo de Deus.

O tema de fundo do Encontro foi: "O Compromisso com a vida e o mundo da saúde" — tendo como preocupação trabalhar temas concretos da bioética, da instituição hospitalar e do compromisso real e concreto, em vista de alcançar o **objetivo geral**: promover e animar a vida religiosa dos (das) religiosos (as) que atuam no mundo da saúde. Este objetivo estava em sintonia com os **objetivos específicos**:

a) Formar e informar sobre a situação da Saúde e seu compromisso junto ao povo.

b) Oferecer aos Religiosos que trabalham em instituições hospitalares uma

convivência que favoreça motivação para troca de experiências para que se sintam animados (as) no seu trabalho.

c) Fundamentar nossas práticas a partir de um conteúdo sociológico e teológico-ético."

Com esse propósito se desenvolveu a reflexão. No primeiro dia, com a assessoria do prof. Victor V. Valla, focalizou-se a "Participação popular e Saúde", com o intuito de pensar a importância de articular, viabilizar o trabalho na área da Saúde através de uma integração com o desenvolvimento comunitário, participativo e popular. Grande "jeito" de ir conquistando os direitos básicos (água, luz, educação, moradia, etc.) para que o povo supere as injustiças sociais que comprometem a saúde integral.

Comentou-se o risco de cooptação das práticas populares (p.e., mutirão) pelos agentes da morte (falsos políticos; exploradores do povo) que querem continuar manipulando, dominando o povo, e da necessidade de uma educação popular e crítica e de uma capacitação técnica. É o trabalho junto ao povo para que ele assuma a própria causa ao construir um poder popular que assuma democraticamente os seus problemas e esperanças.

Também refletiu-se com o prof. Paulo M. Olinto a temática "Demografia e Saúde". Foi apresentada uma "radiografia" da situação de crescimento, idade, etc. da população, onde não ficou descartada a necessidade de lutar contra uma miserialização, uma manipulação, uma exploração que vai expropriando o povo do direito à vida e aos meios de vida. Realidade que se faz através de uma falsa política de planejamento familiar,

uma falta de orientação para a paternidade responsável, um descompromisso com a saúde do povo...

Com o tema: "O Religioso das Instituições hospitalares", a assessora Ir. Nívea Padin, no 2º dia, abordou o dever do(da) Religioso(a) em trabalhar nas instituições hospitalares sendo leal, responsável com uma atitude ética que promova a justiça, a fraternidade, a paz. O que impede todo compromisso justificado em vista do lucro, do poder autoritário e discriminador. Importante é servir em nome de Deus ("O que fizerdes ao menor de Meus irmãos é a Mim que o fazeis". Mt. 25,40). Com a preocupação de promover a saúde comentaram-se os métodos contraceptivos, o cuidado com o doente em fase terminal, etc. — lembrando que, o que é importante, é trabalhar "em vista de uma SOCIEDADE NOVA que promova a libertação do povo".

No último dia de reflexão o Pe. Júlio Munaro, a partir do enfoque teológico, procurou aprofundar a missão evangélica do(da) Religioso(a) no campo da Saúde. Ficou claro que o compromisso é o de anunciar praxisticamente a Boa Nova à humanidade, onde todos possam ser amados e assumidos como imagem de Deus e co-criadores de toda a criação. E mais. Essa utopia exige da Vida Religiosa uma disponibilidade fraterna e corajosa ("ser sal da terra e luz do mundo") (Mt 5,13-16) para enfrentar os conflitos que surgem na defesa da Saúde integral.

As reflexões do Encontro contribuíram para abrir, aprofundar e alicerçar o horizonte e o compromisso na área da saúde. Já não se pode motivar e agilizar uma prática de forma desintegrada, desinculturada, descontextualizada, anti-

popular e a-crítica... Mas é no processo encarnatório em todos os níveis (social, político, cultural, etc.) e em todas as dimensões (física, religiosa, intelectual, etc.) que se encontra o grande veio que coloca a vida religiosa na senda do Projeto da Vida Plena. Caso contrário, a vida religiosa perderá sua força profética em nosso contexto latino-americano.

Foi pensando no desafio do NOVO que se chegou às seguintes **propostas de ação:**

A Nível Pessoal:

Vivenciar o seguimento de Jesus Cristo numa constante conversão, assumindo o compromisso com o povo empobrecido num processo de inserção, inculturação e formação integral, visando uma evangelização transformadora.

A Nível Comunitário:

Assumir comunitariamente a nossa missão profética no compromisso com a vida, nas lutas e organizações populares, que levem à transformação social em vista do Reino.

A Nível Regional:

Repasse para o Regional o Encontro Nacional.

Participar das programações do GRS em vista da integração que favoreça um trabalho de conjunto entre saúde curativa e preventiva e entre os setores de pastoral e os movimentos que estão a serviço da saúde integral coletiva.

A Nível Nacional:

Criar centros para a formação de cursos e encontros visando a capacitação técnica, social e política. Produzir e

veicular subsídios para aprofundamento do nosso compromisso.

Com esse Encontro fica para a Vida Religiosa a tarefa de continuar perscrutando, compreendendo e assumindo a atitude evangélica de testemunhar uma Ética que vem ao encontro da defesa da VIDA para o povo empobrecido, doente e oprimido. O clamor de Deus que chega aos ouvidos dos(das) Religiosos(as) é este:

"Aí de vós... que há quinhentos anos sugais o sangue dos trabalhadores. Vós os reduzistes a combustível barato para vossas máquinas de fabricar riqueza injusta. Até meu santo nome vós usastes para legitimar esta vossa ordem que não traz progresso para o povo. (...) O juízo exterminador de Deus, que se realiza ainda dentro da história, pesa sobre vossas empresas. Não será Deus quem vos julgará, mas as vítimas que fizestes. Olhai seus rostos! Guardai-lhes os traços! Eles serão vossos juizes. Só haverá para vós um caminho de salvação: solidarizar-vos com as lutas dos oprimidos que visam pão e liberdade (saúde e esperança) não só para si, mas também para vós e para todos!" (L. Boff)

Frei Luís Augusto de Mattos OSA
Membro do GRS/Nacional

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS 1915 — 1990

No dia 14 de janeiro de 1990, as Irmãs Catequistas Franciscanas — congregação brasileira surgida em Santa

Catarina — celebra o 75º aniversário de fundação.

Que sentido quer dar a congregação à comemoração desta data? Excluindo toda festividade, a congregação quer antes de tudo fazer uma grande ação de graças. Agradecida, a congregação reconhece o **DOM DE DEUS**:

— na intuição do fundador que, em janeiro de 1915, convocou as três primeiras para uma forma de vida plenamente inserida no meio do povo;

— na coragem e na disponibilidade com que Amábile Avosani, Maria Avosani e Liduína Venturi e as que se lhe seguiram, acolheram o chamado e, com um generoso e total "sim, para sempre", iniciaram uma nova fundação;

— na dedicação e simplicidade com que as primeiras gerações assumiram o serviço nas pequenas e humildes escolas do interior e educaram os filhos dos colonos em diversas regiões, primeiro em Santa Catarina e depois em outras, sendo apenas as "mestras" ou, como se lhes dizia, as "nossas mestras";

— no esforço feito durante os primeiros 50 anos de história para, com meios simples e pobres e, acima de tudo, com o empenho pessoal, poderem dar uma resposta apropriada à confiança que nelas depositava o povo, a Igreja e a autoridade civil;

— na coragem com que aderiram ao reavivamento do carisma franciscano e à renovação proposta pelo Vaticano II, por Medellín e Puebla, dentro do compromisso de oferecer à Igreja um serviço melhor qualificado no testemunho evangélico e nas áreas da Educação e catequese;

— na disposição de si mesmas para responder, hoje, aos desafios de áreas carentes na Região Norte (RO, AM, AC), no Nordeste (MA, PI, AL, BA), no Centro-Oeste (GO, MS, MT, TO) e nas periferias das grandes cidades (São Paulo, Goiânia, Cuiabá, Baixada Fluminense), na África (Angola) e na República Argentina.

Em atitude de penitência, a congregação reconhece também seu pecado e pede perdão por sua omissão, pelos desvios de roteiro, por sua acomodação e seu medo, seu limite de visão, sua insensibilidade ao sofrimento do povo, pela falta de um engajamento mais comprometido e mais dinâmico junto aos pobres e pequenos.

Com sua forma de vida e suas opções, apesar de tudo, a congregação quis sempre responder às situações do "aqui-e-agora" da época, respostas marcadas pela simplicidade, disponibilidade, alegria e pelo hábito do trabalho.

O estar com o povo, hoje mais consciente (em pequenas fraternidades de duas ou três irmãs), tem sua fonte na atitude fundamental do Verbo que, em seu aniquilamento e grande amor, "se fez carne e veio habitar entre nós" (Jo 1,14), e na vontade salvadora-libertadora de Javé que ouve o clamor do povo e desce para salvá-lo (Ex 3,8); corresponde à forma de vida proposta por Francisco de Assis, de andar pelo mundo entre os pobres e simples (RBN 9,3); tem o exemplo de Maria, ouvinte atenta e fiel da Palavra e das necessidades do povo, cantora do amor e do poder do Deus Salvador-Libertador.

O atual propósito da congregação é manter-se em contínua busca de renovação-conversão e de mais profunda vi-

vência do seguimento de Jesus Cristo e, assim, dar a necessária e possível resposta aos apelos do homem e da sociedade.

Este propósito vem expresso no Plano Sexenal elaborado em 1988, cujas decisões se orientam para uma conversão mais verdadeira, uma inserção mais efetiva, uma colaboração mais concreta na construção do Reino; para a intensificação do espírito missionário e a redistribuição de suas forças em outras áreas carentes, também fora do Brasil.

Este propósito está expresso mais fortemente nas Constituições Gerais, de recente atualização, que têm como pano de fundo a vivência evangélica franciscana e a opção pelos pobres, para um engajamento mais específico na construção de um novo modo de ser da Igreja e da sociedade.

Ao proclamar o DOM DE DEUS que lhe foi concedido, a congregação faz a todas as irmãs e irmãos religiosos do Brasil o convite de associar-se à sua ação de graças e ao pedido de poder assumir seu carisma com sempre renovada fidelidade.

Irmã Ede Maria, CF

CENTENÁRIO DA MORTE DE PADRE JOÃO PEDRO ANTÔNIO GAILHAC

Fundador do Instituto das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie Vierge Immaculée".

Descendente de uma família profundamente cristã, Padre Gailhac, como o chamavam, nasceu no dia 13 de novembro de 1802, em Béziers, cidade de Fran-

ga. Formado à piedade, nos joelhos de sua Mãe, Gailhac cresceu num ambiente que o ajudou a cultivar os ensinamentos recebidos no lar, distinguindo-se por uma grande devoção a Nossa Senhora.

Depois de seus primeiros estudos, revelou logo sua vocação para o sacerdócio e, admitido no Seminário, com 16 anos, preparou-se para realizar o ideal que alimentava: "Padre só para Deus e para as almas". Sua vida toda foi marcada por grande amor aos pobres, aos infelizes, aos desvalidos e à juventude. Jovem sacerdote, foi logo nomeado, a seu pedido, capelão de um hospital onde se dedicava a levar o conforto aos doentes, procurando sempre dar-lhes assistência espiritual e corporal.

A sua obra principal foi o Instituto das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", fundada no dia 24 de fevereiro de 1849. Para pedra fundamental dessa grande obra destinou-lhe o Senhor uma pessoa de escol, Apolonie Cure Pellisaier, a Mère Saint-Jean, sua dedicada e generosa colaboradora, primeira Superiora Geral e co-fundadora do Instituto.

A vocação de apóstolo de Gailhac levou-o a fundar várias outras obras, entre as quais: Orfanato para meninas, Ratronato para meninos, Refúgio para jovens transviadas arrependidas, Colégio para jovens da sociedade, Congregação dos Padres do Bom Pastor.

Atualmente, o Instituto abrange variados campos de apostolado nos 12 países em que está estabelecido: Colégios, Faculdades, Cursos noturnos, Lares universitários, Obra social de promoção humana, Creches e Comunidades eclesiais de base. No Brasil, só em 1911 é que encontramos as Religiosas do SCM que, hoje, atuam em 7 Estados, com Casa Provincial em Belo Horizonte, Rua Cura d'Ars, 62, Prado, e Noviciado no Vale do Jatobá, Belo Horizonte, na Avenida Perimetral 1, nº 33. As Religiosas do SCM estão comemorando o Centenário da morte de seu Fundador, falecido em Béziers, no dia 25/01/1890. Padre Gailhac deixa às suas filhas este lema: "Para que todos tenham vida" (Jo 10,10)

Irmã Bernadette-Marie, RSCM

Participar para mudar

Não basta conhecer para mudar. Mas o conhecimento é condição necessária para uma intervenção criativa na realidade. Para o cristão é indispensável participar para fazer escolhas, tomar decisões e mudar. A política é uma mediação privilegiada da caridade. Por isso, a fé cristã a valoriza e a tem em alta estima. O cristão engajado politicamente exerce o múnus profético da denúncia na hora de arbitrar conflitos, contrariar interesses e realizar o bem comum. Não confundir, porém, ação política com negociação política que se alimenta de sombra (Pe. Marcos de Lima, SDB).

NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA: EXIGÊNCIA DE CONVERSÃO

*Na Evangelização se dá o encontro entre
a obra de Deus e a obra dos homens.
Encontro que divide,
gera conflitos e desafios à conversão.*

Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM

Belo Horizonte, MG

O apelo de João Paulo II ao CELAM e à toda a América Latina para que o quinto centenário da “descoberta” da América Latina fosse uma ocasião para “evangelização nova: nova em seu ardor, nova em seus métodos, em suas expressões” encontrou bastante ressonância num acontecimento que se colocou em Marcha a partir do Vaticano II, passando por Medellín, pelo Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização, a publicação da “*Evangelii Nuntiandi*” de Paulo VI e por Puebla. Este processo em andamento tem provocado muitas transformações na Vida Religiosa no Brasil. Transformações que tem sido acompanhadas por uma atenta e profunda reflexão histórico-teológica, especialmente por parte da CLAR e da CRB.

Procuramos fazer aqui algumas anotações, que permitam situar as transformações em curso e a reflê-

xão sobre elas, tendo em vista especialmente os desafios à conversão que brotam da Nova Evangelização. Tentamos recolher alguns dados que emergem das reflexões da CLAR e da CRB, especialmente os artigos publicados na Revista Convergência neste ano e o livro produzido pela Equipe Teológica da CRB — Nacional, em vista da XV Assembléia Geral Ordinária, realizada em São Paulo, em julho último. O modo de organizar estas anotações resultam especialmente da conferência feita pela Irmã Carmelita de Freitas, FI, na reunião dos Guardiães Franciscanos da Província de Santa Cruz, sobre o mesmo tema.

1. Evangelização e Conversão: Os Termos e sua Correlação

Quando falamos de Evangelização, estamos no coração da missão

de Jesus e conseqüentemente naquilo que é a própria razão de ser da Igreja. A presença de diversos projetos de evangelização e de diferentes modelos de compreensão e sua correspondente fundamentação trinitária-cristológica e eclesiológica nos leva a buscar no Novo Testamento o seu sentido mais restrito e específico. Aí, Evangelização não é tanto entendida como fazer cristã uma realidade sócio-econômico-cultural, mas muito mais como um mostrar onde Deus está atuando aqui e agora, na libertação do seu povo. Este sentido é sugerido, especialmente pelo discurso programa de Nazaré e pela resposta de Jesus aos enviados de João Batista (cf. Lc 4, 16-21; Mt 11, 2-6 e Lc 7, 18-23). Destacam-se como suas características a prioridade do fato sobre a proclamação e o privilégio dos pobres. A Evangelização atua e proclama que libertando os pobres, Deus está libertando todos os homens. Trata-se de uma obra conjunta do evangelizador e do evangelizado. Nela se dá o encontro entre a obra de Deus e a obra dos homens. Encontro que divide, gera conflitos, desafios à conversão.

Desenvolvido predominantemente pela Tradição Profética da Sagrada Escritura, o sentido da conversão aponta para a ação a que o homem é chamado a realizar pelo Evangelho. A Bíblia usa vários termos para indicar essa realidade: libertação, salvação, soberania de Deus, vida, homem novo, renovação do homem, penitência dos pecados. Trata-se, sempre de realizar a ação de Deus ao invés de realizar a sua própria. A conversão é vista como uma rea-

lidade que destrói e constrói. Destrói o pecado em suas manifestações individuais e sociais. Constrói vida, relações sociais fraternas. Além disso, a conversão é coletiva e individual ao mesmo tempo. Nela estão implicadas as lutas contra os inimigos da libertação que moram dentro de nós, as lutas contra os dominadores em vista da sua libertação e da transformação das estruturas sociais injustas. Trata-se de uma mudança radical de conduta, onde não bastam os ritos exteriores mesmo que sejam de penitência (Cf. Amós, 4,6-13; 5,21-24; Is 1,1-20; Jer 31,31-34; Lc 1,68-75 e 19,41-42).

Assim sendo, o "Evangelho" — o anúncio alegre do que Deus está operando — implica necessariamente a conversão. Esta correlação está presente na pregação de João Batista e de Jesus: "Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15. Mt 4,17 e 3,2). Enquanto a libertação se inicia com o processo de evangelização, a conversão parece ser a expressão gerada pela novidade do Reino de Deus. Trata-se portanto de um processo histórico, entre dois interlocutores históricos, dentro das possibilidades oferecidas pelo tempo histórico. Ele arranca da situação concreta dos interlocutores e permanece sempre inacabado. Neste processo se dá o encontro entre evangelizador e profeta.

II. Nova Evangelização: Desafios para a Vida Religiosa

A partir da prioridade e das linhas de ação propostas pela XV As-

sembléia Ordinária da CRB, procuraremos nuclear cinco questões que poderiam ser as mais desafiantes para a Vida Religiosa no Brasil de hoje.

a. *Emergência do novo sujeito da evangelização*

Pobres sempre houve, mas a consciência de que o pobre não é o incapaz, nem aquele que por preguiça ou falta de emprego não chegou a usufruir dos bens do progresso, mas que pobre é o empobrecido pela organização da sociedade e a consciência de que ele é o sujeito das transformações da sociedade apareceram recentemente. Neste sentido, destacam-se dois fenômenos. O primeiro é o crescimento da organização dos pobres no sindicato, no partido político, na associação de bairro e nos diversos grupos de reivindicação. O segundo é a relevância que as Igrejas Particulares do 3.^a Mundo estão adquirindo dentro da Igreja Universal.

Esta emergência do novo sujeito da evangelização é um manancial ainda não suficientemente reconhecido mas que tem trazido muitas transformações para os evangelizadores que por acaso não pertençam a esse grupo social. O que se deu ao longo da tradição cristã repete-se hoje: todos os renascimentos se fizeram a partir dos pobres. O empobrecido-sujeito-organizado traz desafios à Vida Religiosa, na medida em que ele é o sujeito de quem ela se aproxima e na medida em que ele mesmo emerge como sujeito da vida religiosa, como manifesta o crescimento das vocações populares.

b. *A Questão das Culturas*

Indicado por Paulo VI como o grande drama de nossa época, a ruptura entre Evangelho e cultura (EN, 20), traz grandes desafios para a Vida Religiosa. Quando falamos em culturas, pensamos na atividade globalizante pela qual os homens se adaptam à natureza, estabelecem relações sociais e interpretam a sua vida. Neste sentido, ser homem é ser culto, não porque se possui uma instrução intelectual, mas porque se possui um conjunto de práticas que dão a ele e a seu grupo um saber acumulativo e um comportamento normativo que fundamenta o seu sentido de vida. Daí que se pode afirmar a não superioridade de uma cultura sobre a outra ou o "relativismo cultural" em oposição ao etnocentrismo.

A existência de diversas culturas no Brasil levanta o desafio da inculturação. Ele poderia ser assim expresso. Que deverá ser a evangelização que, levando em conta a multiplicidade de raízes da cultura brasileira, propicie o nascimento e o crescimento de dentro dessa cultura da uma Igreja local que enriqueça a Igreja Universal com a sua presença original?

Uma vez que a cultura não pode ser separada da sociedade e que os fatores econômicos e sócio-políticos são manifestações culturais, surge nova questão: Como deverá ser a evangelização para que não favoreça a integração forçada das culturas (Puebla, 52)? Como fazer o Evangelho penetrar na modernidade com seu secularismo e sua mentalidade

individualista e utilitarista? Como chegar aos setores que se encontram na periferia da modernidade e de certa forma são suas vítimas: os milhões de menores carentes, os marginalizados do mundo do crime, da prostituição, do tóxico? Como promover uma evangelização que integre fé-cultura-sociedade; Inculturação e libertação?

Estas questões perpassam a vida religiosa no Brasil de hoje e a desafiam a superar o etnocentrismo de seus modelos e a dicotomia entre teoria e prática. É na formação de nossos candidatos e candidatas que estas questões se agudizam.

c. *O desafio do mundo do trabalho*

O espaço cultural e geográfico em que o homem e a mulher procuram dominar a matéria e transformá-la, pela atividade física de produção num bem que é usado para sustentar a vida é o que nós chamamos "mundo do trabalho". No sistema capitalista do modelo econômico brasileiro é um dos dinamisismos mais importantes na geração das maiorias empobrecidas porque sua força de trabalho é explorada e reduzida à mercadoria que os patrões compram e vendem ao preço que querem ou deixam de lado.

Neste mundo do trabalho, constata-se uma ausência quase que total da vida religiosa tanto no plano da produção quanto no plano da organização e da defesa dos direitos dos trabalhadores. Pergunta-se ainda se "as obras" dos religiosos não estão, na realidade, reforçando a injustiça da situação estabelecida.

d. *A comunhão eclesial*

Quando falamos de comunhão eclesial entendemos isto como uma tensão permanente entre a diversidade de dons e carismas e de experiências históricas da fé, suscitadas pelo Espírito de Jesus Cristo e a busca da unidade radical no mistério trinitário para o qual o mesmo Espírito conduz a Igreja. Dois fatores têm tornado problemática esta comunhão para a Vida Religiosa: a descoberta, no interior da Igreja, de uma comunhão mais ampla onde o cristão comum não é apenas objeto mas também sujeito da fé eclesial e a busca da solidariedade com o empobrecido que a coloca no coração do conflito social.

Pede-se que se faça um discernimento sobre os movimentos eclesiais, levando em conta a caminhada da Igreja no Brasil e suas opções. Além disso, requer-se sempre mais um desenvolvimento da capacidade de lidar com conflitos com a hierarquia e dentro da hierarquia para superar estas situações numa atitude de amor à Igreja e de fidelidade à tradição profética própria da Vida Religiosa.

e. *As exigências específicas na formação*

A formação de religiosos capazes de viver esta exigência de uma permanente conversão frente aos desafios da realidade é talvez a interpelação mais crucial que é feita à Vida Religiosa na atual conjuntura. Por outro lado, a emergência das vocações populares — vocações surgidas no meio dos pobres ou vocações

que assumem a causa dos pobres — tem trazido diversos desafios. Enumero alguns deles: Como trabalhar a experiência fundante da Vida Religiosa: a consagração a Deus, o seguimento de Josus Cristo e o apelo do Espírito? Como combinar a tradição com novos desafios? Como deverá ser o processo formativo que evite o desenraizamento das vocações populares? Como encontrar formas de uma vida religiosa inculcada na nossa realidade, capazes de recriar o Evangelho de dentro da nossa situação cultural? Como superar o uso de modelos formativos calçados na eficiência pelo uso dos meios pobres? Como viver a pobreza dentro da segurança econômica muitas vezes oferecida pela Vida Religiosa?

III. 500 anos de Evangelização da AL como memória penitencial transformadora para a Vida Religiosa

A celebração dos 500 anos de Evangelização da AL pode tornar-se para a vida religiosa um tempo de graça, especialmente se for considerada como tempo que Deus oferece às pessoas e às instituições que mudem suas práticas e se convertam. As ambigüidades que marcaram a 1.^a Evangelização nos levam a celebrar e a render graças a Deus por

tudo de bom e grandioso que foi realizado e a deplorar as falhas e omissões. A superação do triunfalismo se dará por uma celebração que saiba render graças pela contestação e pela profecia que denunciaram o acoplamento da evangelização ao projeto colonizador, mas que também se penitencie pela convivência e cumplicidade diante deste acoplamento.

Tal memória poderá ajudar a Vida Religiosa a assumir o desafio da conversão que a Nova Evangelização está pedindo. Trata-se de estar na busca de uma nova feição para a Vida Religiosa com um novo sujeito, novo autor, novos métodos e nova por expressão, capaz de responder mais adequadamente aos desafios da nova evangelização. Para isso, na escuta do que o Espírito diz e opera, estaríamos comprometidos com a passagem da situação de evangelizador para a situação de evangelizando, do etnocentrismo dominador à inculturação solidária, de uma espiritualidade marcada pela “fuga mundi” — entendida como ausência — para uma inserção no mundo dos pobres, assumindo suas conseqüências, de uma comunhão eclesial uniformizante para uma comunhão eclesial pluriforme, de uma formação mais setorizada para uma formação integral e integradora. □

“Enquanto Pedro estava na prisão, a Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele”, At 12, 5. No sofrimento, na perseguição, na hora da desesperança, a única forma eficaz de resistência cristã é a ORAÇÃO, na certeza inquebrantável de que Deus não abandona ninguém (Pe. Marcos de Lima, SDB).

FORMAÇÃO, VIDA AFETIVA E COMUNIDADE

*Empreitada de apaixonados: realizar em si
e com os outros uma vida
abundante. Proclamar a copiosa redenção:
o encantamento de ser redimido
e poder animar a vida nova nos outros.*

Pe. Dalton Barros de Almeida, Redentorista

Juiz de Fora, MG

O que aqui escrevo, são considerações iniciais; nada mais que uma introdução. Na certa, serão vantajosas, posteriores elucidações e um desdobramento do assunto em seus eixos maiores e suas articulações menores, enquanto macro e micro-arcaibouço para a realização de pessoas e instituições saudáveis.

Foi-me dada a oportunidade de participar da X Assembléia Geral da CLAR. Um enriquecimento. Aprendi, uma vez mais, como o mesmo processo educativo, ainda que incipiente, se deixa marcar pelas diferenças regionais, pelo particular de cada Província religiosa. Concluí, outra vez, o quanto é pouco o que sei e conheço. A atitude necessária, então, é modéstia, filha da Verdade. Vou, assim mesmo, me expor.

Nesta minha exposição, tomo a trilogia formação-afetividade-comu-

nidade na perspectiva dos jovens, moças e rapazes, que chegam buscando a Vida Religiosa Consagrada (VRC). Dou por conhecidos seus valores e suas fragilidades. Discorrerei, pois, sobre o começo do caminho a ser andado. Dou relevância às origens. "Assim como era no princípio..."

1. Um projeto definido: sensibilidade ao concreto

1.1. Um projeto de paixão

Não me parece possível um processo educativo eficaz sem que se tenha um projeto coerente. Projeto coerente supõe que as etapas estejam consonantes, umas com as outras, e todas elas se unifiquem a partir de um centro catalizador e em referência à uma Utopia.

A Utopia é o sonho bom, possível e adequado ao real de cada Con-

gregação ou Instituto; sonho desejável que se faz cotidiano e cria os momentos decisivos para o rumo da trajetória de vida do jovem candidato.

Quem trabalha na educação para a VRC sabe que, ademais das etapas previsíveis e das respectivas estruturas de apoio, o Espírito Santo de Deus propicia acontecimentos que nos fazem cair em nós, formando e formadores, oferecendo-nos o ensejo de uma nova possibilidade de ser e conviver, de criar ou refazer laços amoráveis conosco mesmos, com o Deus que nos chama, com os irmãos e irmãs de caminhada e com a missão a que nos destinamos.

Nesta nossa América de paixão e dor, mulheres e homens, vêm se rendendo ao amor envolvente de Deus, pelo rosto sofredor de Cristo nos humilhados e vencidos de sempre. Essa rendição redentora aos vigários de Cristo, que são os pobres, está introduzindo na maioria dos Projetos de Formação uma demanda de modificações irrecusáveis.

É uma questão de inteira afetividade e de comunhão amorosa; questão de laços de fraternidade e libertação. Quem vem aceitando esta oferta de Deus, vai rompendo com velhos hábitos educativos, deixando antigas casas, abandonando trilhas batidas e, em meio a tensões e conflitos, compõem um projeto educativo, cujo horizonte largo se formula nesta frase singela: — mulheres e homens renascidos para uma nova evangelização.

Empreitada de apaixonados. Um projeto de paixão: realizar em si, e

com os outros uma Vida abundante; proclamar a copiosa redenção: o encantamento de ser redimido e poder animar vida nova nos outros. É coisa de quem aprende a se deixar apaixonar.

I.2. O que se abandona

Da maneira como percebo os Projetos Formativos em andamento, para além dos contornos e matizes, constato que:

I.2.a. Parece esgotada a possibilidade de se enfocar o processo educativo, considerando-se apenas uma das partes em jogo. Não seria correto privilegiar-se ou o formador ou o formando. Trata-se de concretizar pedagogicamente a interação entre formando, formador e missão à qual todos se consagram. Rompe-se destarte com uma antiga certeza: o formador existe para ensinar, o formando a aprender.

I.2.b. Parece esgotada a possibilidade de isolar a formação do contexto de uma sociedade em crise e querer, em redomas, prevenir-se das dificuldades na vida afetiva e criar ilhas de vivência comunitária à margem dos lastros trágicos da vida econômica-política-social de nossa gente.

I.2.c. Parece esgotada a possibilidade de supor que o trabalho pastoral com os pobres, em si, seja capaz de sanar as dificuldades das relações educativas e solidificar pessoas bem plantadas no chão da vida, pessoas libertas e libertadoras.

I.2.d. Parecem esgotadas as possibilidades de casas de formação

que persistem em desconsiderar a ambivalência e conflitividade nas relações humanas. A tomada de consciência da efervescência de nossa sociedade de classes; o fenômeno de que boa parte das vocações atuais estão surgindo dos meios populares; o fato de que as motivações vocacionais passam em primeira linha pelo carisma de serviço ao povo...; tudo isso rompe a ilusão de poder existir um modelo ideal e padronizado de formação, formadores ideais e formandos ideais. Rompe-se com a ilusão de que se pode continuar formando os jovens candidatos à VRC, deixando intactas as obras, as residências e o estilo comunitário das Congregações e Institutos. A formação não é unilinear, é sempre de mão dupla.

I.3. O que se incorpora

Uma releitura atenta dos relatórios que a CLAR arquivou em dois preciosos volumes, nos permite constatar que o processo de formação para a VRC incorpora:

I.3.a. A Comunidade Formadora, gerando um estilo de vida participativa, igualitária, co-responsável tanto no rodízio das tarefas quanto na tomada de decisões, na execução dos programas e na revisão do andamento da vida. Enquanto comunidade formadora, se redefinem os clássicos papéis formandos-formadores; e outras irmãs ou confrades não se isolam dos formandos.

I.3.b. A equipe de formação. Uma vez que o processo é global e unitário em seus critérios e valores estruturantes, os encarregados pela

formação em uma Província religiosa passam a viver um contato continuado, revisando os passos e juntos decidindo e discernindo o melhor.

I.3.c. A consciência de que as etapas de formação fazem parte do quadro de formação permanente de uma Província.

I.3.d. Um estilo de vida simples, aberto e tanto quanto possível aproximado, inclusive geograficamente, do povo. Inserção.

I.3.e. A participação com outras Congregações e outros Institutos em fases ou partes do processo formativo. Intercongregacional.

I.3.f. A inclusão de orientadores educacionais, psicopedagogos, psicólogos na equipe de formação e/ou na comunidade formadora.

II. Face ao concreto: contato e troca

II.1. Mastigação

Quando consideramos o projeto formativo neste seu movimento de permuta com a realidade — (o que se abandona, o que se inclui) — nos damos conta de que se trata de uma constante que percorre todas as etapas de formação: *o contato e a troca*.

A pedagogia, em questão, considera o processo formativo como um sistema aberto cujo funcionamento depende das permutas consigo próprio e com o diferente no contexto de cada circunstância. O diferente são os outros que estão próximos por

razões múltiplas; o diferente é a pessoa de outro sexo; o diferente é o povo, o pobre; o diferente é o totalmente Outro: DEUS.

No dinamismo das permutas que o processo formativo propõe, as perturbações poderão advir de situações de rigidez ou de negação da permuta.

As situações internas de rigidez do formando congelam pouco a pouco o interesse de contato e troca; ou o reduzem a áreas bem limitadas. A lei da acomodação prevalece sobre o estilo fecundo e exigente das permutas: mastigar-assimilar-excluir.

A negação da permuta, por parte do formando, ocorre com maior frequência pelo não estabelecimento da correlação devida entre o interior e o exterior, o de dentro e o de fora, o privado e o público, a casa e a rua, a história e a redenção. Ligar-se a um dos lados é negar a permuta.

Quando, por hesitações de formador, a dicotomia se instala ao invés da co-relação, quebra-se o processo e se impossibilita na prática as relações essenciais de contato e troca dos formandos com o ambiente. E assim, ficam impedidos os *afetos diferenciadores* e saudáveis. Uma lástima, porque um dos bons valores deste processo formativo é o de propiciar a cura do sentimento inconsciente de uma ameaça constante, radical e castradora que paira sobre a vida do formando por se considerar uma pessoa "especial", separada... do real. Enquanto ela persiste, esta ameaça cataliza os medos, inibe a autonomia.

II.2. O prazer de ser e conviver

A medida que se vai eliminando o sentimento de ameaça, a metodologia participativa propicia ainda remediar certas insatisfações, mais manifestas nos velhos quadros formativos. Refiro-me à insatisfação do *desejo de iniciativa e de influência*. Essa insatisfação produz nas pessoas e nos grupos demandas insaciáveis de presença, de toque, de afeto, de contato. Daí surgirem em ambientes menos arejados e intransigentemente monossexuais: — a agressividade destrutiva nos relacionamentos, posturas autoritárias, apegos devocionais, a monotonia esvaziante, o enfado, certos comportamentos de traços homossexuais, e proliferação repetitiva de vínculos de dependência para aliviar a condição de abandono e insignificância em que a pessoa mergulha.

Em se tratando de uma comunidade formadora fica facilitado não dissociar o desejo, o prazer e a sociabilidade. Formadores e formandos capazes de se envolverem no processo como agente e sujeito, de relacionarem-se para além das estereotipias usuais, sentindo prazer de ser o que estão sendo e de estarem onde estão... uns e outros percorrem o caminho da maturação própria a cada faixa etária, a cada etapa gradativa do processo de formação (permanente), em seus respectivos níveis.

O desejo. Quando escrevo "desejo" refiro-me ao sujeito desejante; refiro-me ao Eu de quem se estrutura como corpo sexuado onde os sentimentos tomam seu lugar como fonte de auto-compreensão e como

modo de se revelar; afirmar-se, sendo alguém. O desejo é abertura a si mesmo e aos outros; é demanda direcionada agora para o amanhã e não em vista do passado; é indicação de uma resposta possível às necessidades vitais de forma conjunta e integradora.

O gosto de conviver é pedra de toque de qualquer experiência humana, interpessoal e coletiva; ele se extravasa no prazer partilhado, levando o desabrochar das pessoas e do grupo, através da manifestação de novos desejos, o que gera o prazer da iniciativa, da inventividade; prazer de criar.

O prazer partilhado é o motor das mudanças, das rupturas; motor do crescimento. Considero que bloquear ou reduzir a estreitas áreas o prazer partilhado ou mantê-lo sob suspeita e vigilância, é dar força à matriz das formas possessivas de relacionamento, formas destrutivas, fantasmáticas, fechadas, repetitivas, da genitalização do desejo sexual; é fomentar o caldo de cultura dos vírus transmissores de comportamentos neurotizantes, perversos.

III. Opções e orientações subjacentes

III.1. Desvelando opções e orientações psicopedagógicas

As considerações anteriores, eu as fiz para que também se evidenciasse o quanto de opções e orientações subjazem a este Projeto Formativo. Parece-me proveitoso desvelar algumas outras opções e orientações

psicopedagógicas que incluem, a seu turno, opções de cunho antropológico. Selecciono as que me parecem relevantes para a nossa temática. Ei-las:

III.1.a. A pessoa humana como história e caminhada.

O formando efetivará como projeto próprio a vocação solidária com os destinos do mundo. Isto é paixão. Ingredientes: tempo, ação, espera, persistência.

III.1.b. O Evangelho como boa nova de libertação pessoal, grupal e societária.

Estimula-se a libertação do cativo do medo. É o medo que nos faz ficar instalados no que é seguro e controlável. É o medo que nos leva a domesticar Deus. É o medo que nos confunde a ponto de fazermos coincidir os fracassos e sucessos com o nosso eu, e temermos os três.

III.1.c. A VRC como dinamismo e crescimento sem amortecer as emoções. Crescer até o tamanho total de si mesmo: quem exerce melhor sua originalidade, gosta de fazer coisas que facilitem a vida dos outros. Como Jesus! Recuperar para o convívio a relação dialogante e a linguagem dos sentimentos.

III.1.d. A formação, projeto de vida como amor libertador.

Enquanto facilita a cada um tornar-se pessoa capaz de sensibilizar-se por uma causa e com ela se comprometer, a formação é toda ela uma pedagogia da afetividade.

III.1.e. A formação como realidade comunitária na qual o povo toma parte. Profecia de novos tempos.

III.2. *Educando a afetividade: os vínculos*

As opções acima desveladas e suas decorrentes orientações são, em verdade, modos afetivos de ser e se organizar. Estes modos afetivos qualificam a maneira de se estar vinculado. A afetividade é, precisamente, a *capacidade de se vincular*. E quando aqui falamos de educação da atividade, estamos a dizer: educar a *capacidade de alguém se vincular libertadoramente*; pois é certo que a afetividade é um processo conflituoso e carregado de ambigüidades. O procedimento afetivo entrelaça a evolução pessoal com as circunstâncias sócio-culturais em que se nasceu, cresceu e nas quais se vive. Para se vincular libertadoramente ajuda muito uma dimensão crítica do real.

Vale recordar que a afetividade é uma *forma específica de consciência*, eivada de prazer e dor. É uma sensibilização que nos provisiona com o que, no íntimo, nos afeta: a beleza, a rejeição, a estima, o poder, as formas eróticas, o dom gratuito... e tantas coisas mais.

Os toques que nos afetam do exterior acordam lembranças inscritas na biografia inconsciente de nossos esforços por viver. Donde se conclui, fácil, que a afetividade é um *modo de conhecimento*.

Coisa mais séria essa de cultivar a própria afetividade! Consistirá,

entre outras coisas, em nos instruir sobre o que nos afeta: as realidades que em nós são paixão.

Um projeto educativo que parte do Sujeito desejoso; que inclui o prazer partilhado, indubitavelmente conta com a afetividade. O contrário seria fracionar as pessoas. A afetividade é essencial à vida do desejo e, junto com a sensualidade, entra na nossas condutas.

Tal como a sexualidade, a vida afetiva vive de sua conexão com a vida pulsional, e nos acossa com suas surpresas. Seremos surpreendidos advém do fato que ela se insinua em nós ou toma conta de nós vindo de dois recantos de nossa história: o recanto do agora do mundo que nos cerca com seus apelos; o recanto do antigamente (ontem), guardado nos arquivos pulsionais de nossas experiências esquecidas ou recalçadas.

Quando as mensagens dos dois recantos se entrelaçam, ganhamos de presente uma intensidade de gozo ou de dor; quando as mensagens se embargam entrecortadamente, nos perturbamos com sua ambigüidade e uma certa confusão face ao real, se apoderá de nós; quando as mensagens se entrechocam na contradição nem mesmo explicável pela consciência reflexiva, tropeçamos, caímos e podemos nos perder em eventuais ilusões.

Levando em consideração estes aspectos, a educação da afetividade puxará para o lado saneador: nos livrar das patologias afetivas. Característica comum a todas elas: a predominância das reminiscências inconscientes sobre a realidade das

peças e coisas que estão diante de nós, provocando-nos.

Muitos de nós, formadores, vez por outra, nos desconhecemos com nossas reações inesperadas ante a determinadas atitudes daquele formando... Como somos afetivos!

Educar a afetividade é educar-se para adequadamente, nos ritmos das fases da vida e sua circunstância, ir criando e recriando laços consigo, com os outros, com as coisas, com Deus. Laços que tecem a solidariedade humana e asseguram a cada pessoa sua unicidade e irrepetibilidade dentro de um projeto existencial de vida.

Cada indivíduo humano se faz pessoa pelas vinculações com as quais nasce, pelas vinculações que escolhe e às quais consente. Uma pessoa humanizada é um entrelaçamento de vínculos relacionais satisfatórios, equivale dizer: prazerosos.

A forma específica de cada pessoa se vincular define a personalidade, define sua estrutura sócio-afetiva, saudável ou adoentadora, liberata ou acorrentada, capaz de compromissos ou sobrevivendo através de manhas e artimanhas, muito próprias de quem se firma graças às sutis maneiras de dependência. Romper com as dependências talvez seja a mais árdua tarefa de se educar a afetividade.

IV. O paradigma da crise inicial

O crescimento pessoal que, ao mesmo tempo, se busca e se pressupõe (madurez afetiva), opera-se mediante crises e mudanças. A mais significativa delas acontece dentro

da vivência comunitária, além de definitiva ela é paradigmática.

O formando, após seleção inicial, é acolhido em uma comunidade. Em breve espaço de tempo se define sua adequação ou surgem tropeços, apesar da sua boa vontade de se incluir no grupo: fazer da casa de formação, sua casa.

A nova realidade é desafiante. Após o tempo de espera, se configura uma certeza: todos os formandos terão vivido sua forte fase de "uso dos dentes" para assimilar a proposta de vida com a qual se deparam. Uma parte dos formandos apresentará curtos-circuitos encadeados de embaraços e resistências. Onde vêm tais dificuldades? Esse começo tumultuoso e conflitado provém de duas fontes geminadas: o mundo interno da pessoa e a vivência comunitária.

IV.1. A comunidade formadora reativa a "dramática familiar"

A comunidade se torna o lugar que acorda, reaviva e prolonga a "dramática familiar": proteção, dependência, ciúme, interditos, agressividade, filiação, rivalidade fraterna, competição. A comunidade se torna o campo de batalha dos papéis já vividos e interiorizados, e que se reatualizam face a outras pessoas e fora de contexto. Acontece isto, porque a comunidade tem seu projeto; ele é novo para quem chega e é questionador das motivações da escolha vocacional, razão de as pessoas se encontrarem ali.

Este projeto põe em cheque os modelos de identificação que o(a)

formando(a) traz consigo; questiona a elaboração que se faz até então do "ideal do eu", provoca uma reconsideração sobre a identidade sexual. (Quem sou eu, quem são vocês? A que viemos?)

Até entrar para uma comunidade formadora, o formando (moça ou rapaz) terá conseguido um arranjo existencial básico e prevalentemente gerado em seu *grupo de pertença*, a família. E o que condiciona a afetividade humana é o grupo de pertença; os grupos de referência matizam os arranjos. Mudando-se o grupo de pertença, remexe a estruturação da afetividade.

É assim que, por mais que a Comunidade Formadora seja campo de convergência das aspirações do formando, ela é simultaneamente um lugar de rupturas com o grupo de pertença anterior. Se bem que na aparência das coisas, para muitos formandos e formadores, os grupos de referência ocupam maior parte das conversações e se busca em referência a eles entender o que acontece. Terminam por não encontrar nestas pistas, o entendimento aclarador dos confrontos e dissociações vividos pelo formando.

Enquanto não tiver sido detonada esta crise, não haverá aprendizagem do novo; e a formação que alguém venha a receber, recebê-la-á como uma roupa da qual um dia poderá se desvestir.

Esta primeira crise estrutural, indispensável, é uma provocação que a realidade de vida imporia mais cedo ou mais tarde, seja aonde for. Bloqueá-la é congelar grande parte do potencial da afetividade. Querem

resguardar os formandos desta crise e deste confronto, reduz a liberdade possível e se retira deles o direito de errar, mesmo afetivamente.

IV.2. *Uma chave de leitura da crise*

O formando termina reproduzindo na comunidade sua estrutura sócio-afetiva familiar. Este fenômeno precisa ser devidamente percebido.

O fenômeno seria um dado problematizador normal das relações inter-subjetivas; não o é por estar carregado de intensidade das divisões internas profundas que trazem consigo muitos formandos. Esta situação impede os laços de uma nova família a se criar. (N. B.: Tal episódio não é exclusivo dos vocacionados à VRC. Há quem viverá tudo isso em seu casamento mal preparado).

A situação pode enrijar pela cegueira do formador minimizando o fato e reduzindo-a a mera "desadaptação que vai passar". Os instrumentos psicopedagógicos para uma percepção atenta e para uma boa intervenção curativa são todos aqueles elencados como pontos de apoio do processo formativo; formadores preparados, acompanhamento personalizado, avaliações comunitárias, direção espiritual, dinâmicas relacionais, revisões de vida... e, conforme o caso, ajuda especializada de um psicólogo ou de um psicopedagogo.

A crise que se manifesta aos poucos, se agudiza quando os pequenos desajustes e desafetos, avaliados

como sistemas isolados, assumem o caráter de síndrome. *Síndrome da implicância*. Indico o circuito completo de uma síndrome freqüente: a pessoa fica abalada e o sentimento de certa impotência transmuta-se em ansiedade que reveste-se de comportamentos regressivos e apatia que, por sua vez, convertidos em hostilidade (rusgas e aleivosias), degeneram em alienação ao conjunto do real ou a partes da vida de um vocacionado. A partir daqui, o quadro se agravaria porque o sentimento de insignificância e impotência tomaria conta da pessoa, pesando sobre a vida comunitária. É cansativo viver das implicâncias próprias e alheias.

Anote: a pessoa do formador costuma ser sacudida, em sua estrutura, por processo similar e paralelo, a partir da situação deste ou daquele formando, ou de uma situação comunitária que o espicaça.

O ruim em descrever didaticamente tais situações é o risco de deixar no leitor a impressão de um procedimento monolítico e arranjadinho. Nada seria mais enganador. De qualquer maneira, é provável que saber algo sobre esta síndrome seja valioso. É uma chave de leitura.

Em todos os casos, há que se atentar para a repetitividade dos mesmos comportamentos equivocados e para a pouca mudança afetiva no amplo leque do convívio e das atuações. Há que se verificar se a pessoa não está tomando por razão de viver, razões que contrariam a lógica mesma de seu enjagamento.

Se sempre é indispensável acompanhar o formando em sua biogra-

fia vocacional, ou seja, em sua *motivação reguladora*, acompanhá-lo em fases críticas é definidor.

A veracidade da motivação reguladora vocacional exclui a postura rígida, fechada, perfeita; ela se revela na ampliação do campo de auto-percepção, desfazendo os auto-enganos.

Des-ilusionada, vivendo perdas e elaborando os lutos, a pessoa vai se colocando como aprendiz e artesã de um encontro unificador consigo. O que não exclui que se viva tensionado entre o passado cujas cristalizações de vínculos racharam e as novas possibilidades que chamam por mudanças, melhorias e transformações.

Por aqui passam as chances de um amadurecimento afetivo-sexual globalizador. Por quê? Acontece que, na comunidade formadora, diversamente da família de sangue, a hierarquia das relações afetivas não é concomitante à hierarquia do poder; e mais, formadores não são as únicas pessoas emocionalmente importantes. Há circulação e rodízio no exercício do poder; a missão traz para dentro de casa, o povo. Afinal, aparecendo novos modelos de identificação, a pessoa re-elabora um "ideal do eu" exprimindo uma identidade melhor afirmada; não faz economia das energias do psiquismo, já em parte liberadas, e gosto, prazer, ideais, interesses, interditos, imagem de si, passam a interagir; e em benefício de atividades re-criadoras da própria pessoa.

IV.3. *O embrião da evolução afetivo-sexual saudável*

Do ponto de vista da estrutura e da dinâmica da personalidade em reformulação, esta crise básica e primeira é a gênese do processo libertador e um paradigma.

Nesta provação inicial que a realidade da vida educativa impõe ao formando, há como que um embrião da evolução afetivo-sexual saudável. Eis, em síntese, os componentes:

1. A imagem "ideal do eu" a ser revisada.
2. Identidade sexual a ser confirmada.
3. Identificação com novos referenciais.
4. Habilidade para lidar com os conflitos relacionais.
5. Rupturas com elaboração das perdas.
6. Criação de laços libertadores.

(O amor é sempre possível, mas nem toda forma de amor liberta).

Esta crise de iniciação se inscreve como chance para quem estiver desejoso de evoluir; se circunscreve como fonte de mal-estar para quem persistir em ir repetindo os mesmos vínculos anteriores inadequados, ainda que acrescidos de um ou outro elemento novo.

A crise só se prescreverá quando se renasce do alto (se perde a vida para ganhá-la): ocorrem as mudan-

ças necessárias na percepção que a pessoa faz de si, do mundo que a rodeia e das escolhas que a vinculam. Modifica-se a auto-estima.

V. *A tonalidade afetiva do ser e conviver*

V.1. *Auto-estima: o bem-querer*

A tonalidade afetiva de nossa maneira de ser e conviver decorre do conceito que temos de nós mesmos.

O estilo de nossas vinculações (e como ele é precocel) vai de par com o auto-conceito, a auto-estima. Os nossos estados afetivos (emoções, sentimentos, condutas, escolhas) se alimentam do que somos para nós mesmos. A auto-imagem define a integração melhor ou pior de toda a nossa personalidade. De tal modo é assim que, a madurez afetiva outra coisa não é que a re-equilibração periódica do arranjo existencial como síntese que anima o sentido da vida. Semelhante àquela brincadeira de soltar as pétalas de flor: bem-me-quer, mal-me-quer...

Torna-se evidente que a formação da afetividade é um querer bem de jardineiro e depende menos da atenção de um botânico. A comunidade formadora se põe ao cultivo de bem-querer: comunicação, escuta, amizade, correção fraterna, cooperação, gratuidade...

V.2. *Desaprender a dependência*

Paradoxalmente direi que não se constrói a comunidade sem que as pessoas envolvidas desaprendam certas coisas. E o fundamental a desaprender é a dependência.

Reduzi-la é ato amoroso que liberta o potencial comunitário. A pedagogia que logra pôr termo à dependência, amplia o campo perceptivo autônomo e facilita às pessoas estarem atentas, alertas, desejosas de solidariedade. Pessoas assim são as pedras vivas da construção da vida comunitária. Basta evocar as dificuldades e as recusas da maioria dos rapazes com os afazeres domésticos da comunidade; longe do braço mágico da mamãe que tudo previa, organizava, preparava a tempo e a hora... apresentam-se, inicialmente, desajeitados, aturdidos. Desobrigam-se com visível facilidade.

O exigente neste passo, para uma afetividade desabrochada em serviços comunitários, é abandonar toda parasitagem e com ela toda realidade de empréstimo. Consome-se tempo, energia, auto-disciplina até que cada um descubra por própria conta e risco sua identidade, construa sua individuação e a solidifique *como autonomia solidária*.

Desafio maior este: conhecer e acolher o que nos faz a todos semelhantes e, ao mesmo tempo, reconhecer e confirmar o que cada companheiro tem de original e único, e tornar-se fraterno com este outro diferente. Podemos fixar uma equação para tamanha exigência: o que for comum vive-se em denominador, o que for original vive-se em numerador. Tal equação nos permite potenciar cada membro da comunidade no melhor dele mesmo. A partir de então, se constrói a comunidade. Aliás, assim age o Espírito Santo: sua obra é que cada um seja

esta pessoa humana e não outra. Ele é o divino jardineiro da multiplicidade e diversidade de pessoas. E quando as reúne em nome de Jesus para o serviço libertador do Reino, a primeira exigência de seu amor é a verdade da originalidade do vocacionado. Afinal, não existem vocações em série.

Quando adotamos a equação acima sugerida, sentimos o quanto nos custa desaprender a dependência e desaprender a buscar no outro, prioritariamente, a parte que me falta, a complementariedade. Quem acostumou com a dependência e aprendeu a viver em função das expectativas alheias e da complementariedade, se alimenta da originalidade de um outro (mãe, pai, amigo, um formador, um ídolo, a Congregação) e enfraquece até à anemia, a originalidade do próprio Eu.

Abandonar toda a realidade de empréstimo e desaprender a dependência nos remete a uma outra evidência da maturação afetiva: o que nos faz crescer é lograr uma autonomia solidária. Sem assimilação personalizada dos valores da missão evangelizadora não será possível construir a comunidade religiosa profética.

A Comunidade Formadora alcança o crescimento na liberdade compromissada e a apropriação do projeto da VRC, quando cada membro se estrutura como alguém que ao escolher Deus para ser o primeiro servido, elege a si mesmo também como Sujeito do amor.

V.3. *Processamento da comunidade*

Olhando, agora, o processo da vida comunitária sob o ângulo dos formandos a partir de sua evolução pessoal, reatemos com o paradigma da crise inicial.

Os elementos determinantes da crise: a transferência pura e simples dos vínculos em família para a realidade da comunidade formadora. Os elementos de solução da crise podem ser aprendidos como respostas às seguintes perguntas-chaves:

- Quem sou eu?
- Quem são vocês?
- Que vamos fazer?
- Como vamos fazê-lo?

Estas mesmas perguntas formam o fato afetivo grupal. São tônicas da unidade afetiva. Elas nos mostram os processos interativos intensos e o desenrolar do grupo passando de pergunta a pergunta. Esse processamento comunitário ora pende para os *sintomas de resolução* das questões, ora para os *sintomas de irresolução*. Confira a quadro adiante. Óbvio, nada é assim tão automático como pode parecer pelo esquema. O viver em comunidade requer habilidades aprendidas.

Ao colocarmos perguntas no centro do fenômeno afetivo grupal, estamos acentuando uma nota da Comunidade Formadora: a criatividade. Quem aí se educa é um perguntador de si mesmo. Afinal, nada mais perguntador que uma comunidade educativa.

As quatro perguntas apontam para etapas grupais; quais ondas do mar dizem de ritmo e cadência. A resposta a uma pergunta se casa com a etapa da pergunta seguinte.

Formadores e formandos afinados com a linguagem simbólica e emocional de sua comunidade, entendem fácil a unidade afetiva subjacente a cada uma das perguntas-chaves e sua respectiva etapa grupal.

Considerem o esquema com atenção. Adaptei-o de um trabalho mimeografado de Jack R. Gibb (1972). O bom mesmo é tirar benefícios das experiências bem sucedidas e aprender dos fracassos, fixando pedagogicamente objetivos realistas e utilizando construtivamente os conflitos comunitários.

(Ver quadro na página 30)

Concluindo

Ao redor da trilogia formação-afetividade-comunidade, enxerguei, desenvolvendo-se, um Projeto de Formação característico desta nossa terra latina, América de gozosa vitalidade eclesial entre os pobres e desafiante revitalização da VRC. E muito dessa alegria toda devemos às mulheres consagradas.

Ative-me mais demoradamente nos elementos da gênese libertadora do processo que propicia uma maturação afetiva e uma vida comunitária coerente com as exigências de uma nova evangelização.

PROCESSAMENTO DO GRUPO

SINTOMAS DE IRRESOLUÇÃO	PERGUNTAS-CHAVES	SINTOMAS DE RESOLUÇÃO
Medo Disfarces	QUEM SOU EU? 1. Afirmação 2. Participação	Aceitação Auto-estima
Desconfiança Implicâncias	QUEM SÃO VOCÊS? 1. Comunicação 2. Iniciativa	Confiança Solidariedade
Apatia Competição	QUE VAMOS FAZER? 1. Programação 2. Produtividade	Criatividade Competência
Parasitagem Dependência	COMO VAMOS FAZER? 1. Co-operação 2. Organização	Rodízio de tarefas Replanejamento

Esse processamento comunitário ora pende para os sintomas de resolução, ora para os sintomas de irresolução. Não é, porém, assim tão automático como pode parecer pelo esquema.

Considero que o conjunto do processo formativo em gestação virá a atender o reclamo de todos nós: ajudar à solidez vocacional dos componentes da VRC. A solidez está vinculada a que o formando se capacite a dizer: — Eu posso lançar-me. E se lança. — “Posso, a meu modo”. Essas afirmações recaem sobre o sentido do viver e se fundam em uma decisão explícita que desencadeia o movimento de outras decisões, num ir-e-vir entre o eu da pessoa e a realidade do

mundo, vistos com os olhos de Jesus.

Deus queira que assim aconteça a realização de cada religioso como pessoa, coincidindo com sua vocação à VRC.

Este dom divino como tarefa humana torna-se viável pela espiritualidade que constato entranhada em todo o processo formativo. Uma espiritualidade que devolve a formadores e formandos uma estrutura pascal de vida. □

UMA PESQUISA SOBRE A AFETIVIDADE DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

*As questões formuladas visam esclarecer o papel
da Vida Religiosa como lugar
de desenvolvimento afetivo, as ajudas
e os problemas que a mesma vida oferece e uma
avaliação da Psicologia como instrumento para tanto.*

Pe. Victor Hugo Silveira Lapenta CSSR

O Grupo de Reflexão dos Psicólogos (GRP), órgão de assessoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, foi encarregado de preparar o 1.º Seminário Nacional de Psicólogos a Serviço da Vida Religiosa, promovido pela mesma CRB em Belo Horizonte de 10 a 15 de agosto de 1988.

Dentro dessa preparação foi realizada uma sondagem de campo. Seu objetivo era apresentar aos participantes, dados da realidade que servissem de base e de motivação para as diversas abordagens teóricas ali desenvolvidas. Tal sondagem, mesmo provisória e incompleta, poderia servir como primeira experiência para uma pesquisa posterior mais completa.

Diante da limitação de tempo para a preparação e da amplitude e

complexidade da interrelação "Psicologia e Vida Religiosa", o GRP optou pela simplificação do método de pesquisa e pela redução da pesquisa a apenas um aspecto mais significativo do conteúdo. Foi escolhido como tema a afetividade na Vida Religiosa, um fenômeno de interesse tanto dos psicólogos como dos religiosos e que poderia apresentar aos participantes do Seminário uma série de verificações mais interessantes.

A pesquisa como tal limitou-se à sondagem por meio de um questionário simples, com 4 questões a ser respondidas por escrito por um número representativo de religiosos e religiosas. As questões foram formuladas parte com respostas dirigidas, parte com respostas em aberto.

A aplicação foi feita diretamente pelos membros do GRP em contatos pessoais e em alguns grupos de estudos. Ao todo foram 696 questionários respondidos.

Os resultados tabelados foram apresentados e estudados na primeira parte do Seminário. Eles contêm alguns dados bastante interessantes sobre o assunto que diz respeito à vida dos religiosos. Por isso o propósito de comunicá-los agora.

1. O Questionário

Quando os participantes do Seminário se confrontaram com os resultados da sondagem, dedicaram parte significativa de suas análises ao método da pesquisa e, de maneira especial, à formação do questionário, o que era de se prever por parte de interessados em técnicas de trabalho.

As questões formuladas visam esclarecer o papel da Vida Religiosa como lugar de desenvolvimento afetivo, as ajudas e problemas que a mesma vida oferece para esse desenvolvimento e, principalmente, uma avaliação da Psicologia como instrumento para tanto. Elas são simples e diretas, sem explicações ou justificativas e pretendem atingir explicitamente as percepções e opiniões conscientes dos elementos. O inconsciente pode melhor aflorar através das respostas abertas, mas será necessária uma análise que o faça evidente.

A terminologia não especializada do questionário possibilita respostas mesmo de pessoas pouco preparadas. Por outro lado, os termos genéricos

e não definidos também deram ocasião a respostas bastante imprecisas e às vezes equívocas.

2. Quem respondeu

Os dados tabulados correspondem às respostas de um total de 696 religiosos: 171 do sexo masculino, 525 do sexo feminino.

Tabela 2.1.

Religiosos	171
Religiosas	525
Total	696

De acordo com o CERIS, em 1988 eram 7.691 os sacerdotes, 2.325 os irmãos, no total de 10.016 religiosos, e 37.556 as religiosas no Brasil. Infelizmente estes números não incluem os candidatos ao sacerdócio com votos temporários, nem noviços e noviças que em nossa pesquisa foram consultados e estão incluídos entre os formandos, como pode ser visto na Tabela 2.2. Assim, mesmo, é possível verificar "grosso modo" a proporção entre os pesquisados e a totalidade dos religiosos. Veja-se por exemplo, a proporção masculino-feminino: na amostra 24% são do sexo masculino e nos dados do CERIS eles são 21%, uma diferença não significativa.

2.2. Distribuição entre Formandos e Religiosos de Votos Perpétuos

Nas tabulações das respostas, os valores referentes aos 696 respondentes estão computados nas colu-

nas sob o título de Total Absoluto. Para tornar possível a percepção das diferenças entre os jovens das etapas de formação (noviciado e juniorado) e os religiosos de mais tempo de vida religiosa foram levantados os dados em 3 outros blocos: um rela-

tivo aos Formandos, outro, aos de Votos Perpétuos e um terceiro com os totais relativos a ambos. Mas os dados destes três blocos correspondem apenas a um conjunto de 397 respostas obtidas em São Paulo e assim distribuídas:

Tabela 2.2. Distribuição entre Formandos e Votos Perpétuos.

Formandos		M.	F.	Total
	Noviços	42	100	142
	Junioristas	21	48	69
	Total	63	148	211
Votos Perpétuos		44	142	186
Total Geral		107	290	397

Com o objetivo de obter as respostas em tempo e número suficiente para apresentar os resultados ao Seminário, a equipe pesquisadora teve de dirigir-se principalmente a grupos reunidos para dias de estudos ou semelhantes. Isto privilegiou aquele tipo de pessoas suscetíveis às iniciativas da CRB, ficando inatingíveis exatamente os elementos alheios e arredios, desinteressados e mesmo contrários. No conjunto, as respostas representam mais os religiosos habitualmente influenciados pela formação oferecida pela CRB.

Houve ainda outras consequências: a média etária dos respondentes é um pouco mais baixa que a do universo de religiosos do país, e a

proporção entre os formandos e os de votos perpétuos não corresponde exatamente aos números da realidade do universo dos religiosos. Noviços e junioristas vão em bloco para seus cursos e respondem com mais facilidade a pesquisas.

Para corrigir tais inadequações foram tomadas algumas medidas. Depois da apresentação no Seminário, a pesquisa foi corrigida com os dados obtidos de religiosos de algumas comunidades masculinas, tanto de formandos como de elementos de votos perpétuos.

Também a apresentação e a análise dos dados é feita não pelos números brutos, mas em porcentagens,

o que os torna comparáveis entre si e mais confiáveis quanto à representatividade do universo.

A sondagem desenvolveu-se nos Regionais da CRB do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Mas

parece que este fato não invalida que a tomemos como representativa dos religiosos do país como um todo, isto porque foram obtidos em grande parte em cursos frequentados por elementos de praticamente todos os Estados brasileiros.

Tabela 2.3. Distribuição por Idade.

Total Absoluto (%)				Médias Etárias			
	M.	F.	Total	Formandos	—	25 anos e 9 meses	
Até 19 anos	15	4	6	M.	—	24 anos e 9 meses	
20 a 29 anos	47	29	34	F.	—	26 anos e 4 meses	
30 39	12	16	15	Votos Perpétuos	—	45 anos e 4 meses	
40 49	10	15	14	M.	—	35 anos e 9 meses	
50 59	5	17	14	F.	—	48 anos e 3 meses	
60 69	6	7	7				
70 79	1	4	3	Total Absoluto	—	38 anos e 7 meses	
80 89	=	1	1	M.	—	31 anos e 9 meses	
N. D.*	4	7	6	F.	—	40 anos e 10 meses	

* Não declararam.

Tabela 2.4. Distribuição por Tempo de Vida Religiosa.
(somente os de Votos Perpétuos do Total Absoluto) (%)

	M.	F.	Total	Média de Tempo de Vida Religiosa:			
Até 9 anos	18	11	13			26 anos e 11 meses	
10 a 19 anos	16	13	14	M.	—	25 anos	
20 a 29	24	24	24	F.	—	27 anos e quatro meses	
30 a 39	16	26	24				
40 a 49	14	8	9				
50 a 59	3	4	4				
60 a 65	=	1	1				
N. D.	6	13	11				

2.3. A Idade de quem respondeu

Estas tabelas evidenciam alguns aspectos interessantes da amostra:

— É nítido o peso dos mais jovens: 40% dos respondentes têm menos de 30 anos. Por isso nas avaliações dos dados das respostas será

sempre conveniente comparar o que afirmam os formandos com o que dizem os de votos perpétuos.

— A tabela 2.4. revela que entre os de votos perpétuos a distribuição de tempo de consagração, e conseqüentemente também de idade, é mais adequada à realidade do conjunto de religiosos do país: 40% têm entre 20 e 39 anos de vida consagrada.

— Chama a atenção a diferença de idade entre as jovens e os rapazes que estão dando os primeiros passos na Vida Religiosa. Eles são, em média, mais novos. Um dos fatores dessa diferença é que habitualmente é mais prolongado o tempo de juniorato para o elemento feminino (de 6 a 9 anos), enquanto o elemento masculino, que se destina ao sacerdócio, tem um juniorato breve, geralmente ligado ao tempo dos estudos teológicos (3 ou 4 anos). Um outro dado não está apresentado nas tabelas, mas foi verificado: a diferença de idade entre noviços e noviças: 39% dos noviços têm menos de 21 anos, enquanto apenas 11% das noviças são tão jovens. Na outra ponta dos dados, 22% das noviças e apenas 2% dos rapazes têm mais de 30 anos. Seria mais uma vez porque o ingresso em o noviciado estaria ligado para os rapazes à seqüência dos estudos?

— A comparação do tempo de Vida Religiosa entre os elementos masculinos e femininos de Votos Perpétuos também representa uma diferença: elas têm em média mais idade. Mas a diferença não seria

significativa e não teria conseqüências na comparação das respectivas respostas. Há na realidade essa diferença? As religiosas são em média mais idosas, ou o que aparece nas tabelas é a maior resistência dos homens mais idosos para responder a pesquisas?

2.4. Comparando as respostas

As tabulações foram organizadas de modo a permitir 2 grupos de observações:

— a comparação entre homens e mulheres, tanto internamente em cada bloco, como no conjunto;

— a comparação entre os mais jovens e os mais idosos (ou entre os que ainda estão em fase de formação e os de Votos Perpétuos), com a possibilidade de percepção de diferenças entre a formação mais antiga e a atual da afetividade.

Relembramos o já dito: todos os dados estão apresentados em valores percentuais para tornar possíveis e válidas as comparações, mesmo quando algum bloco ou grupo seja numericamente maior. No caso das questões com resposta única a percentagem é sobre o total de respostas dadas. Já nas questões de respostas múltiplas a percentagem é calculada sobre o número de respondentes. No último caso, o total ultrapassa os 100%.

3. As Respostas ao Questionário

É constante nos quatro blocos: a afirmação pelo "muito" é de pouco menos da metade das respostas, fi-

Tabela 3.1. 1.ª Questão: "Sua Vivência da Vida Religiosa favoreceu seu desenvolvimento Afetivo? Sublinhe a palavra adequada: muito, pouco, nada."

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto		
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total
muito	38	52	47	37	51	47	37	51	48	38	49	46
pouco	50	45	47	59	40	45	54	43	46	52	44	46
nada	10	2	4	2	7	6	7	4	5	4	4	4
sem resposta	2	1	2	2	2	2	2	2	1	6	3	4

cando "pouco" ou "nada" com 50%. Não é um dado evidentemente afirmativo da eficácia da Vida Religiosa como ambiente facilitador do desenvolvimento afetivo.

Os homens são mais pelo "pouco" ou "nada", enquanto as mulheres são ligeiramente pelo "muito". Estará aí refletido um clima mais afetivo das comunidades femininas? Ou é a postura masculina de menor abertura para a problemática afetiva e de maior dificuldade de buscar ajuda institucional, como irá transparecer nas tabelas seguintes?

De maneira geral, é pequeno o número dos que não se sentem ajudados. Apenas os jovens formandos são um pouco mais negativos. Inexperiência, espírito mais de negação, ou suas dificuldades maiores? Os junioristas, mais que os novíços, se manifestam negativamente. Já as junioristas são as mais otimistas. Pode ser que aqui se apresente um efeito de um juniorato menos bem vivido pelos rapazes, envolvidos em estudos e pastoral, com menor vivência comunitária.

Entre as explicações apresentadas para as escolhas pessoais destacam-se:

— para "muito": convivência — cursos de Psicologia — apoio de formadores — ambiente de oração — trabalho com o povo.

— para "pouco": família mais unida que a comunidade — dificuldades pessoais — autoridade opressora — repressão da amizade e de relacionamento com familiares — formação inicial deformante.

A Tabela 3.2. mostra como no conjunto é expressiva a maioria que declara ter sido fácil procurar ajuda (70 e 61%). As mulheres mais que os homens, e, entre elas, as formandas mais que as de votos perpétuos, tiveram essa facilidade. Mas mesmo os homens declaram-se, em maioria, pelo "sim".

Na prática, é sabido que há grandes diferenças de Instituto para Instituto, principalmente com relação à ajuda externa. Mas isso não tem possibilidade de ser manifesto nesta

Tabela 3.2. 2.ª Questão: "Você teve facilidade de procurar ajuda neste campo? Sublinhe a palavra adequada: — sim — não."

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto		
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total
sim	64	76	72	64	67	67	63	71	70	56	63	61
não	33	24	27	36	27	30	35	26	28	40	34	36
sem resposta	3	=	1	=	6	3	2	3	2	4	3	3

Tabela 3.3. 2.ª Questão (2.ª parte): "Quem o(a) ajudou? Sublinhe a palavra adequada: — formadores — superiores — diretor espiritual — colegas — profissionais (médico — psicólogo)."

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto		
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total
Formadores	33	67	57	31	28	29	32	48	44	32	46	42
Superiores	11	15	14	9	35	29	10	25	21	10	25	21
Diretor Espiritual	25	22	22	40	35	36	31	28	29	32	31	31
Colegas	38	23	27	34	23	25	36	23	26	34	27	29
Profissionais	11	3	5	18	5	8	14	4	6	10	5	7
Médicos	=	1	1	=	2	1	=	1	1	=	1	1
Psicólogos	6	14	12	16	10	11	10	12	11	8	12	11
Outros	1	8	6	4	11	9	2	9	7	2	6	5

sondagem, pois não foi solicitado aos respondentes que indicassem suas respectivas famílias religiosas, a fim de não criar exigências que pudessem ser constrangedoras para alguns. Também não se verificou mais diretamente o que fez difícil para alguns a busca de ajuda. Não deixa de ser expressivo que 30% tiveram tal dificuldade.

Já a segunda parte da questão, Tabela 3.3., traz um detalhamento bastante interessante quanto às diversas ajudas. São bem diversificadas as respostas.

Em dados absolutos, "formadores" têm uma indicação largamente maior que os demais (42% contra 31% para "diretor" espiritual, a segunda indicação). Mas são as for-

mandas que elevam tanto esse número. Entre elas 67% referem-se aos formadores, numa proporção que se eleva a mais de 20% acima de qualquer indicação! Já os rapazes não se mostram tão entusiastas quanto à ajuda de seus formadores: só 33%, a metade do índice feminino. Eles colocam em primeiro lugar os "colegas", com 38%, dado reforçado pelos 23% femininos, um 2.º lugar. Rapazes e moças se sentem mais ajudados pelos companheiros(as) do que pelos superiores e diretores espirituais. A sondagem apenas confirma um dado da observação comum: é forte entre os formandoos a busca de entreaajuda, a necessidade de trocar experiências e o sentir-se mais compreendidos pelos colegas.

Os homens adultos também têm tido maior facilidade com os colegas (34%) do que com os formadores (31%) e os superiores (9%). Estes últimos, aliás, têm o índice mais baixo entre os homens. Incompetência ou barreiras de outra ordem? Fica aí mais uma questão para uma pesquisa posterior mais exata.

Entre os homens de mais tempo de vida religiosa o diretor espiritual tem sido o melhor apoio, mesmo no campo da afetividade, embora apenas um pouco mais de 1/3 do conjunto o mencione (35% das mulheres e 40% dos homens). Os formandoos dão bem menos peso a eles (22%). Por que os homens mais que as mulheres valorizam seu auxílio?

Uma vez que a vida afetiva é parte do campo de atuação da Psicologia, chama a atenção como a

ajuda do psicólogo tem sido tão pequena (11% em média). Qual a razão? Dificuldade de acesso? Custo financeiro? Preconceitos e reservas? Ou as respostas estão se referindo apenas à ajuda terapêutica, sem consideração à prática pedagógica e preservativa? As respostas à 4.ª questão irão manifestar uma série de restrições e reservas quanto à busca de auxílio psicológico por parte de religiosos.

Outros profissionais, especificamente o médico, são menos indicados ainda. É sua capacidade de ajuda que é reduzida ou o acesso a eles que é difícil?

Havia espaço para outras indicações, além das apresentadas pelo próprio questionário. Foram feitas algumas: amigos (4) — livros (3) — padres (2) — vida comunitária — curso de psicologia — palestras — a formação permanente — o Focolares — Mariápolis — grupos de oração (os números indicam a quantidade de pessoas que fizeram as indicações).

Toda esta lista de ajudas precisa ser melhor analisada em uma pesquisa mais completa, seja quanto ao acesso, seja quanto à qualidade da própria ajuda oferecida.

A expressão "problemas afetivos" desta terceira questão é amplíssima e cobre situações muito diversas. As respostas não podiam deixar de refletir essa dificuldade e, com certeza, pessoas diferentes estão se referindo a situações muito diferentes quando indicam as origens de suas dificuldades.

Tabela 3.4. 3.^a Questão: "De onde teriam surgido seus problemas afetivos? Sublinhe a palavra adequada: — família — meio ambiente — formação — trabalho — vida doméstica — pastoral — indique outros:

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto		
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total
Família	58	64	62	47	56	54	54	60	58	50	55	54
Meio Ambiente	22	29	27	22	19	19	22	24	23	22	23	23
Formação	23	15	17	40	26	29	30	20	23	23	23	23
Trabalho	4	5	4	—	5	3	2	5	4	3	4	4
Vida Comunitária	23	20	21	15	27	24	20	23	22	18	30	27
Pastoral	3	8	6	4	2	2	3	5	4	3	3	3

Dentro das expectativas, o fator "família" é, de longe, o mais indicado como origem dos problemas afetivos. Quanto a este fator, o que mais chama a atenção é o contrário: 40% dos respondentes não o indicam como origem de problemas afetivos.

De maneira geral homens e mulheres fazem no conjunto indicações em proporções muito próximas. Porém algumas divergências aparecem:

— a maior é relativa à formação: os homens de votos perpétuos carregam contra ela (40%) e os jovens também são mais incisivos em apontá-la que suas colegas (23 contra 15%), mas eles e elas com menor carga que os mais velhos;

— as mulheres de votos perpétuos indicam a vida comunitária como fonte de problemas afetivos (27%). No Total Absoluto esse item atingirá o segundo lugar, completando o quadro previsível: família

fonte histórica dos problemas, comunidade lugar atual de dificuldades.

Trabalho e pastoral quase não causam problemas. Ao contrário, podem estar servindo como lugar de realização pessoal e até de fugas compensadoras. Mas nas Observações aparecem queixas contra o ser jogado no trabalho sem uma preparação devida e também referências a solicitações perigosas.

O item "meio ambiente" talvez seja o mais ambíguo de todo o elenco. Entre os que o assinalaram, alguns esclarecem a que se referem: uns falam do ambiente externo, da infância, da escola, de colegas e de vizinhos corruptos sexualmente, ou de informações falsas de pessoas leigas; outros estão pensando na comunidade religiosa castradora e fechada, onde boa parte não consegue tratar-se nem viver sua vida afetiva.

As Observações dos mais velhos são contundentes com relação à formação antiga: ela era fora da realidade humana, rígida e com visão errada, os valores humanos eram desconhecidos ou abafados. As dificuldades afetivas eram problema de consciência a ser tratado com o diretor espiritual. Há referência também às fofocas, ao excesso de trabalho e às diferenças de mentalidades nas comunidades.

Já os mais jovens aludem ao moralismo da Igreja e aos problemas específicos da vida comunitária: não ter aí quem o escute — a necessidade de formadores mais arejados no campo da sexualidade — falta de sensibilidade dos superiores para com a realidade. As junioristas queixam-se da falta na comunidade de pessoas preparadas para um esclarecimento mais seguro e do medo dos relacionamentos afetivos.

Tabela 3.5. 4.ª Questão: "Na sua opinião, é importante o papel da Psicologia para a Vida Religiosa?"

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto		
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total
Importante	81	87	85	80	90	87	80	89	86	77	92	88
Não importante	3	=	1	=	1	1	2	=	1	6	2	3
Relativamente	14	12	13	20	8	11	17	10	12	11	6	7
Sem resposta	2	1	1	=	1	1	1	1	1	6	=	2

A quarta questão foi apresentada sem nenhum direcionamento para as respostas. Elas foram inteiramente livres em sua formulação, o que as faz mais expressivas que as percepções pessoais dos respondentes.

É notoriamente elevado o índice de valorização do papel da Psicologia para a Vida Religiosa, em contraste com o número pequeno de recursos ao psicólogo que aparece na Tabela 3.3.

A forma de respostas abertas propiciou uma ampla variação de explicitações e justificativas expressas nas respostas. Isto exige um esforço de organização que possibilite a percepção das posições mais frequentes e significativas para os religiosos. Vamos aglutinar as respostas nas três áreas que melhor condensam o interesse dos consagrados pela Psicologia: o universo pessoal, as relações com o outro e a própria vida consagrada. Um grupo, também expressivo, manifesta suas restrições quan-

to ao papel da Psicologia para a vida religiosa. Isto tudo estará em números na Tabela 3.5.1. As ta-

belas seguintes, 3.5.2., 3.5.3. e 3.5.4. são desdobramentos de cada uma das três áreas centrais.

Tabela 3.5.1.: Áreas de Atuação da Psicologia.

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	Total
Ajuda Pessoal	92	133	120	86	60	66	90	98	95	103
Relações com o outro	16	20	19	7	25	21	12	23	20	16
A Vida Religiosa	35	22	26	45	42	43	39	27	34	31
Restrições à Psicologia	23	18	19	16	14	14	20	16	17	10

A possibilidade de cada respondente indicar mais de uma razão permite que as taxas ultrapassem os 100%.

Ao expressar seus pontos de vista sobre a importância da Psicologia para a Vida Religiosa, os religiosos de ambos os sexos e de todas as idades manifestam um interesse notoriamente destacado pelo que ela pode ofertar de ajuda pessoal. Num conjunto de 696 respondentes há um total de 718 indicações nesse sentido. Isto dá uma proporção de 103%. O grupo das 148 formandas chega a 196 indicações, o que lhe confere a taxa de 133% de referências a essa área.

As indicações para as outras duas áreas de interesse estão a uma distância muito grande de tais números. Nesse sentido, as relações com o outro têm os índices mais baixos.

Parece que os religiosos não estão muito atentos ao que a Psicologia tem a oferecer para as relações interpessoais e o quanto estas são marcadas pela afetividade, sem esquecer que elas estão no centro da vida fraterna e dos desempenhos pastorais.

Os jovens e os definitivamente consagrados, homens e mulheres, todos dão destaque ao papel da Psicologia como ajuda ao autoconhecimento, colocando-o muito acima de todo e qualquer outro desempenho seu. Ela estaria sendo percebida mais como ciência explicativa do psiquismo e da conduta do que como meio de aplicação prática e de ajuda no desenvolvimento e na superação de dificuldades. Não está aí o medo de usar uma arma perigosa, que pode ser danosa? Mais adiante voltará este tema das restrições às atuações da Psicologia.

Tabela 3.5.2.: As Atuações da Psicologia na Área da Ajuda Pessoal.

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	Total
Autoconhecimento	37	55	50	20	39	35	30	47	43	46
Ajuda nos Problemas	19	10	13	16	8	10	18	9	12	13
Libertação Pessoal	=	13	9	5	9	6	2	11	8	11
Desenvolvimento Pessoal	8	9	9	2	7	6	6	8	8	8
Ajuda na integração	5	5	5	7	10	10	6	8	7	11
Auto-aceitação	=	7	5	=	5	5	=	6	5	5
Desenvolvimento Afetivo	5	5	5	7	1	1	6	3	4	4
Porque somos Humanos	=	1	1	=	3	1	=	2	2	1

As mulheres valorizam essa ajuda para o autoconhecimento mais que os homens, as jovens acima das demais. Talvez aqui haja algum peso no fato de grande parte das formandas participarem de cursos de juniorato em que o autoconhecimento é enfatizado.

Os homens conferem um destaque do segundo lugar à ajuda nos problemas, já as mulheres apresentam esse item em mesmo nível que os demais. Os homens, ainda, omitem todo e qualquer auxílio à auto-aceitação. Esta não é problema para eles, é mais fácil aceitar-se homem, ou a Psicologia parece não ajudar?

Libertação pessoal também não é dificuldade a ser resolvida com o auxílio da Psicologia, pelo menos para os formandos. Mesmo os de mais idade lhe dão pouco lugar.

O desenvolvimento afetivo, ainda que tenha sido explicitamente

colocado na primeira Questão e tenha aparecido indiretamente nas demais, não conseguiu mobilizar as atenções dos respondentes. Mais uma vez a questão: não acreditam na possibilidade de ajuda da Psicologia para esse desenvolvimento, ou não sentem necessidade disso?

Já vimos na Tabela 3.5.1. que as relações com o outro têm índices bastante abaixo do que seria de se esperar. Os homens de mais idade, de maneira especial, omitiram quase por completo referências ao outro. Mais uma vez, é atribuída à Psicologia antes de tudo uma função de auxiliar do conhecimento, permanecendo inteiramente inexpressivas quaisquer outras colaborações.

Dois detalhes significativos:

— os rapazes são mais sensibilizados para o que a Psicologia pode

Tabela 3.5.3.: As Atuações da Psicologia na Área do Relacionamento com o Outro.

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	Total
Conhecer o outro	5	7	7	2	11	9	4	9	8	7
Aceitar o outro	1	7	6	2	7	6	2	7	6	4
Ajudar o outro	8	1	3	2	5	4	6	3	4	2
Como tratar o outro	1	3	3	=	3	2	1	2	3	3
Trabalhar com o outro	=	2	1	=	=	=	=	1	1	1

Tabela 3.5.4.: As Atuações da Psicologia na Área da Vida Religiosa.

	Formandos			Votos Perpétuos			Total Relativo			Total Absoluto
	M.	F.	Total	M.	F.	Total	M.	F.	Total	Total
Vida em Comunidade	16	7	10	9	18	16	13	12	13	10
Vivência Religiosa	10	2	4	25	3	9	15	2	6	7
Relações com Deus	2	3	3	=	4	3	1	4	3	3
Facilitar Doação	3	4	5	9	4	5	6	4	5	6
Decisão Vocacional	=	=	=	=	=	=	=	=	=	1

fazer para ajudá-los a ajudar os outros;

— as mulheres referem-se muito mais que os homens à ajuda para a aceitação do outro.

Tudo o que foi apresentado antes com relação às áreas pessoal e do relacionamento com o outro, e mais,

tudo o que está manifesto nas questões anteriores, concerne à Vida Religiosa. Mas, ao se referirem diretamente às atuações da Psicologia, os respondentes são modestos nos índices de aplicação a suas vidas de consagração, embora 88% tenham reconhecido a importância do papel da Psicologia para a Vida Religiosa (cfr. Tabela 3.5.).

O item "vivência religiosa" é mais abrangente que "vida em comunidade". É uma referência ao viver a Vida Religiosa como um todo, não apenas aos aspectos fraternais da convivência. As mulheres em suas respostas falam mais diretamente dos aspectos da convivência; os homens fazem referências mais ao conjunto da Vida Religiosa.

Dois aspectos aparecem bem menos do que podíamos prever: — a atuação da Psicologia para um bom relacionamento com Deus, vida de oração, por exemplo, ou toda a experiência de Deus que está no núcleo da consagração e se concretiza em atitudes e condutas vitais; — o processo vocacional, com suas motivações, com os passos de decisão, os esclarecimentos, as opções, a continuidade.

* * *

A forma de questão aberta propiciou grande número de considerações em torno da interrelação "Psicologia e Vida Religiosa". Organizá-las em forma de Tabela estatística seria perder a riqueza daqueles conteúdos. É preferível apresentá-los, dentro de uma ordem que permita perceber as linhas-de-força aí contidas, sem retirar de todo a finura das considerações. A expressão de um dos respondentes traduz bem o conjunto expresso no Quadro A: "A Psicologia é faca de dois gumes — corta para o bem e para o mal: com critérios cristãos é ótima, mas com critérios naturalistas se torna prejudicial!"

Quadro A: Considerações sobre Psicologia e Vida Religiosa

1. Afirmações e Negações:

1.1. Afirmações — A Psicologia:

Formandos: tem contribuições valiosas para a personalidade — ajuda a descobrir a raiz do problema — não basta a dimensão espiritual para resolver as marcas da infância — os cursos de Psicologia da CRB ajudam bastante — existem tabus e preconceitos contra junioristas que procuram ajuda de psicólogos — a Psicologia é Maria que leva a Cristo — dá consistência à vocação — esclarece a motivação vocacional.

De Votos Perpétuos: facilita uma opção mais equilibrada — explica a Vida Religiosa numa dimensão mais humana e viável — leva à consciência mais madura — ajuda a eliminar bloqueios para a normalidade, o que permite Vida Religiosa melhor — o papel das ciências é importante para o desenvolvimento das pessoas — dá instrumentos para o aperfeiçoamento do ser como imagem de Deus — há colegas que se trataram com psicólogos e são bem sucedidos — a graça de Deus supõe a natureza harmonizada.

1.2. Negações — A Psicologia:

Formandos: não é necessária — não é a mais importante — não é parte da essência da Vida Religiosa — é fantasia, a Vida Religiosa é realidade — em certos casos foi um fracasso porque não soube tratar a vida afetiva como vinculada a todo

o ser — não devemos ser seus escravos — leva ao risco de acreditar-se demais nas próprias capacidades — pode criar dependências — é mais importante o inserimento na realidade da América Latina e a sensibilidade ao dia-a-dia — tudo depende do esforço de cada um.

De Votos Perpétuos: só Deus é indispensável, embora a Psicologia seja bonita — fé, amor, doação, oração ajudam a suportar todas as crises — não é uma panacéia — causa confusões e conflitos em alguns — pode-se viver bem sem conhecer a Psicologia — não é tão importante quanto ter uma boa família — é facilmente prejudicial devido à linha naturalista das Faculdades — houve fracassos devido à busca unilateral de realização pessoal.

— Os Psicólogos:

Formandos: geralmente são frios aos sentimentos alheios.

De Votos Perpétuos: a Psicologia pode prejudicar, depende do psicólogo — é delicado mexer com as emoções.

— Os Formadores:

Formandos: faltam formadores preparados — há formadores com grandes problemas afetivos — respondente tem mestre que é psicólogo muito fechado — muitos Institutos ainda não se deram conta da validade da Psicologia para resolver problemas.

2. Sugestões:

— A Psicologia:

Formandos: conduza a Deus — seja usada de modo a construir o indivíduo — não fique só em princípios — não forneça apenas esclarecimentos — seja com muito critério — só uma Psicologia madura — não se coloque Psicologia em tudo — não seja empregada como policiamento ou castração — não se caia em psicologismos — deve conhecer a pessoa que se faz religiosa.

De Votos Perpétuos: seja humano-espiritual e não materialista — desde que esteja ligada à Vida Religiosa — não deve olvidar a visão de fé, de doação, renúncia e valores evangélicos — espiritualidade e Psicologia devem caminhar juntas.

— A Psicoterapia:

Formandos: só com psicólogo religioso — só como complemento à orientação espiritual — haja integração entre psicoterapia e fé.

— Os Psicólogos:

De Votos Perpétuos: só quando cristão autêntico — deve conhecer a Vida Religiosa — saiba respeitar o chamado de Deus — haja prudência na sua escolha — a Psicologia depende do profissional.

— Os Formadores:

Formandos: não devem ser psicólogos — é bom que seja psicólogo — formadores necessitam melhor formação psicológica.

— *Outras:*

Formandos: não se atribuem todos os comportamentos só à Psicologia — Rulla deve ser superado pela integração do humano e do religioso.

De Votos Perpétuos: a Psicologia seja usada para esclarecer a motivação vocacional.

3. *Reservas e Restrições:* *A Psicologia:*

Formandos: é útil desde que em linhas cristãs — não deve substituir o Evangelho — nem ser critério de discernimento vocacional — nem estar desligada de uma linha cristã — nem ser ideologia a serviço de classe — nem ser fim, apenas meio — sua eficácia depende de que teoria seja seguida — é positiva quando usada dentro do global da formação — tudo depende da maneira como ela é colocada — boa, desde que saiba levar as coisas — deve ser só para quem tem necessidade — só para quem quer e acredita — deve ser usada só em certos casos — apenas como complemento à direção espiritual.

De Votos Perpétuos: só é importante para pessoas problemáticas — só quando equilibrada e madura — só se houver necessidade — só para quem não tem outra possibilidade de melhorar — só quando tem aplicações práticas — deve sempre vir unida à vivência da fé — na Vida Religiosa não deve ser usada para experiências — é um meio muito relativo de ajuda — sem a integra-

ção com a teologia e a espiritualidade não me agradaria.

— *Os Psicólogos:*

Formandos: desde que o psicólogo seja formador, mas apenas um auxiliar.

De Votos Perpétuos: só quando cristãos autênticos.

Este *Quadro A* deve ser lido no contexto das Tabelas 3.5. e seguintes, pois, juntamente com elas, apresenta o conjunto das respostas à 4.^a Questão.

Nem sempre é possível fazer com muita exatidão a distinção entre as negações, sugestões, reservas e restrições. Porém elas aparecem, mesmo se não muito precisas, na formulação das respostas. Por estarem concentradas no Quadro, elas podem passar uma impressão negativa do posicionamento dos respondentes com relação à interação Psicologia e Vida Religiosa. Veja-se, entretanto, na Tabela 3.5. que 88% dos respondentes são pela importância e apenas 3% pela não-importância da Psicologia para a Vida Religiosa e, no máximo, 14% emitem relativizações a respeito. São estas relativizações que estão no quadro.

O conjunto de respostas à 4.^a Questão é um painel amplo de proclamação da validade do emprego da Psicologia. Eis a transcrição de parte de uma resposta: "Assim como precisamos de um médico para o físico, precisamos de um psicólogo para a alma: psiqué. Nós fomos educados só para cuidar da

saúde física e nunca fomos educados para cuidar da saúde psíquica. Há muita gente doente, psiquicamente falando, na vida religiosa, e a pessoa não admite um tratamento psicológico. Sofre, mas não dá o braço a torcer..."

* * *

Aí estão os dados da sondagem. O propósito era apresentá-los de maneira orgânica para uma primeira percepção de seus significados. Não caberia aqui uma análise mais profunda e completa.

O conjunto manifesta que a sondagem aflorou o complexo, dinâmico, rico e borbulhante universo afetivo dos religiosos e religiosas. Há aí uma consciência desse universo, de sua importância na vida pessoal e comunitária, da necessidade de um bom desenvolvimento para uma vida consagrada humana e espiritualmente feliz. Já não se trata mais de uma realidade negada e desvalorizada, abafada e reprimida.

Há esperanças, anseios em maior número, mas os receios e reservas ainda estão muito presentes, e até; afortunadamente em números pouco expressivos, existem ainda portas fechadas. As respostas colhem

um volume impressionante de lamentações diante das falhas na formação, dos sofrimentos na convivência, dos limites e dos erros pessoais e institucionais. Aparece muita dor e muita mágoa nas folhas de respostas. Mas estão aí também testemunhos felizes daqueles que têm encontrado as condições de um processo de desenvolvimento afetivo adequado dentro de sua consagração.

A sondagem coloca-nos diante do reconhecimento do papel positivo que a Psicologia pode desempenhar. Ao mesmo tempo, está manifesta a exigência de que ela preencha determinadas condições de respeito pela realidade específica da vida religiosa para que sua função de auxiliar seja bem executada.

Os evidentes limites desta sondagem mostra a necessidade de ulteriores pesquisas mais completas e mais exatas. Grande parte dos estudos, do que se tem afirmado e escrito sobre a afetividade dos religiosos, tem sido baseada em observações clínicas, em percepções pessoais nem sempre metódicas e em generalizações nem sempre corretas. Só pode haver ganhos em procurarmos ver qual é mesmo a realidade que está aí na vida dos religiosos. □

"Irmãos, ORAI por nós, para que a palavra do Senhor continue o seu caminho e seja glorificada", 2 Ts 3, 1. Difundir e glorificar a palavra do Senhor, ou seja, evangelizar. Para isso, ORAR. A força da evangelização está sempre em saber relativizar a nossa própria força (Pe. Marcos de Lima, SDB).

A EDUCAÇÃO CATÓLICA NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO DA IGREJA DO BRASIL: 1840-1960

*Por que os Religiosos optaram preferencialmente
pela área da educação? Como se implantou
no país a rede escolar católica?
Quais as características específicas dessa educação?*

Riolando Azzi

Durante os primeiros séculos de colonização, estabeleceu-se no Brasil um modelo eclesial típico de Cristandade, através da aliança entre Estado e Igreja. Daí resultou o surgimento de um catolicismo luso-brasileiro, marcadamente devocional e leigo, predominante ainda no início do século XIX.

A partir de 1840, durante o Segundo Reinado, a hierarquia eclesiástica iniciou um esforço pela introdução do modelo tridentino, desvinculando progressivamente a Igreja do Estado e afirmando a sua dependência da Santa Sé. É o período em que se opera também a romanização do catolicismo brasileiro, com ênfase no aspecto doutrinal e sacramental da fé, assegurando-se ao mesmo tempo a hegemonia clerical.

Essa alteração no modelo institucional da Igreja e na prática da fé tinha como pano de fundo a nova dominação colonial européia do século XIX, direcionada sobretudo para os países da África e da Ásia. Acompanhando essa expansão colonial, a Igreja passou a incentivar a atividade missionária, com repercussões também na América Latina.

Nesse caso, não se tratava de uma transmissão inicial da mensagem evangélica, mas de uma segunda etapa fortemente catequética, visando suprir as limitações do primeiro surto missionário. Essa nova fase de expansão da Igreja Romana contava com o apoio dos governos europeus, desejosos também eles de afirmar sua dominação cultural e econômica nos países latino-ameri-

canos, aproveitando-se sobretudo do movimento migratório. Dessa forma os imigrantes contribuíram seja para a afirmação da Igreja tridentina e do catolicismo romanizado, seja também para assegurar os vínculos de dependência cultural e econômica com relação às nações da Europa.

É dentro desse contexto que se inicia também um novo período de educação católica, tendo como ênfase a substituição da tradicional formação luso-brasileira por uma orientação educacional marcadamente européia.

1. OS INSTITUTOS RELIGIOSOS E A ATUAÇÃO EDUCATIVA

Um dos aspectos que mais chama a atenção na análise da atuação dos religiosos a partir da segunda metade do século XIX é a prioridade quase absoluta dada à esfera educativa. São raríssimos os institutos religiosos que não estejam envolvidos de algum modo com a área da educação. Tal fato se deve a diversos elementos convergentes, entre os quais podem ser assinalados sua experiência anterior, o incentivo do episcopado, a necessidade de recursos econômicos é o apoio da burguesia emergente.

A experiência anterior

Com a difusão da imprensa a partir do século XVI, surgiu um interesse cada vez maior pela formação cultural: daí a multiplicação das escolas. Dentro desse contexto foram fundadas já no século XVI diversas congregações destinadas à

Vindo para o Brasil como missionários, os religiosos constituíram o núcleo principal dessa nova orientação da Igreja na esfera educativa.

Desejo, portanto, neste estudo ressaltar três aspectos principais: em primeiro lugar, as razões ou causas que motivaram a opção preferencial dos religiosos pela área da educação; em seguida, o modo ou forma como se implantou no país a rede escolar católica; por último, as características mais específicas dessa educação.

educação como a Companhia de Jesus e a Congregação de Santa Úrsula, orientadas respectivamente para o sexo masculino e feminino. A tendência para a fundação de institutos dedicados à educação continuou a crescer até o século XIX.

Habitados anteriormente a trabalharem em colégios, os religiosos que se deslocaram para o Brasil e para a América Latina, transferiram simplesmente para o novo continente a sua experiência anterior.

Foi exatamente o êxito dos educadores salesianos na Europa que levou o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, a chamá-los para a sua diocese, a fim de fundarem um colégio em Niterói. Ao anunciar a nova obra, ele solicitava a colaboração dos fiéis católicos com esta justificativa:

“Em Turim e Gênova, e ainda em Roma e em outros lugares da Itália, em Nice, Toulon e Marseilha... os estabelecimentos salesianos têm tido incrementos quase fabulosos, e merecido os mais altos encômios, os mais estrépidos aplausos e a mais larga coadjuvação” (1).

Não obstante, a maior parte dos institutos religiosos não tiveram preocupação alguma em analisar a situação do país, a fim de estudar a viabilidade ou oportunidade de sua proposta ou orientação educativa.

Na realidade, grande parte da juventude brasileira, absolutamente carente de instrução, pertencia às camadas pobres, descendentes de indígenas e africanos. Embora sendo a que mais necessitava de uma assistência educativa, continuou sendo marginalizada. De fato, os institutos católicos passaram a dar atenção especial à burguesia rural, desejosa de educar seus filhos dentro da mentalidade européia. Simultaneamente começaram a atuar nas áreas geográficas onde havia uma presença significativa de imigrantes europeus, onde os jovens tinham maior facilidade para assimilar rapidamente os padrões de ensino dos religiosos. Por essa razão, a rede escolar católica implantou-se prioritariamente nos centros urbanos e na região centro-sul do país.

O incentivo do episcopado

Não foi apenas a experiência já adquirida anteriormente em países europeus que levou os institutos religiosos estabelecidos no Brasil a

dar ênfase às atividades educativas. Muito contribuiu também para isso o apelo do episcopado, desejoso de encontrar colaboradores para o setor de educação religiosa do povo. Havia, aliás, motivos relevantes para essa atitude. De fato, com a proclamação da República em 1889, a fé católica deixou de ser a religião do Estado, e foi introduzido no país o ensino leigo. A partir de então, os outros credos religiosos, sobretudo de origem protestante, puderam também expandir sua rede escolar.

Habituada até então a exercer o domínio exclusivo na área religiosa, a hierarquia católica reagiu com firmeza, visando preservar quanto possível sob sua tutela o setor educacional. Daí as orientações precisas no sentido de incentivar os religiosos à fundação de colégios católicos, sobretudo em cidades onde as escolas públicas ou protestantes estavam sendo implantadas.

Num projeto de reforma da Igreja do Brasil, datado de 2 de agosto de 1890, o arcebispo da Bahia, D. Antônio de Macedo Costa escrevia:

“O zelo de alguns bispos que têm podido obter religiosos e meios para ajudá-los a fundar casas, já conseguiu muito, e a prova temo-la em muitas casas de instrução e educação fundadas por congregações francesas, alemãs, italianas, especialmente para meninos, e já florescentes em várias dioceses. Dá-nos os parabéns o Santo Padre pelos resultados do nosso zelo neste ponto importantíssimo, e vivamente exorta todos os prelados a desenvolver

a respeito ação em maior escala para assim evitar às famílias católicas a dura necessidade de, por falta de escolas e colégios católicos, enviar seus filhos a colégios protestantes, onde ou a protestante ou nenhuma religião se ensina" (2).

A iniciativa dos bispos contou, portanto, com pleno apoio da Santa Sé. Por vezes, aliás, a autorização para o ingresso de institutos religiosos em determinadas dioceses ficou condicionada à fundação de alguma obra educativa.

Nessa época, duas eram as colaborações principais que o episcopado esperava dos religiosos: — uma, específica das congregações clericais, era o atendimento paroquial em vista da escassez de sacerdotes do clero secular; a outra, extensiva a todos os institutos masculinos e femininos, era a instrução colegial.

Em resposta ao estímulo dos bispos, os religiosos passaram a multiplicar seus estabelecimentos educativos, mesmo em detrimento de outras atividades típicas de sua fundação. É bom ter presente que diversas congregações brasileiras fundadas nesse período passaram também a privilegiar o setor educacional. Aliás, não faltaram congregações européias que iniciaram no Brasil a atuação nessa área exatamente para atender às solicitações do episcopado. Houve dessa forma muita improvisação. Assim sendo, a multiplicação dos colégios católicos significou por vezes a diminuição da qualidade do ensino. Não obstante, na perspectiva da hierarquia católica, o elemento fundamental

que estava em jogo era a preservação da fé, e nem sempre a formação cultural.

O resultado desse incentivo à educação católica correspondeu de fato às metas desejadas pela hierarquia católica. No período entre 1940 e 1960 era difícil encontrar uma cidade com número significativo de habitantes que não possuísse pelo menos uma escola católica.

A necessidade de recursos econômicos

Além da introdução do ensino leigo, a separação entre Igreja e Estado a partir da proclamação da República trouxe uma outra consequência que atingiu profundamente a vida católica: a falta de colaboração econômica por parte do governo. Assim sendo, a instituição eclesiástica teve que buscar meios próprios para levar avante seus projetos religiosos. Não recebendo mais o auxílio do Estado, os institutos religiosos necessitavam de recursos financeiros que possibilitassem não apenas a sustentação dos membros ativos, como também a formação de novas vocações e o amparo de religiosos velhos e doentes. O setor educacional passou a constituir assim solução bastante adequada como fonte de renda não só para a sobrevivência, mas até mesmo para a expansão das congregações religiosas no Brasil.

Diversos institutos estabelecidos no país tinham inicialmente outras metas prioritárias, como orfanatos e asilos de velhos, ou atendimento de enfermos carentes; dada a difi-

culdade de manutenção dessas obras, com frequência passaram também a fundar e abrir colégios para as classes médias e altas, visando obter assim recursos para suas obras assistenciais.

Pouco a pouco, porém, à revelia das intenções dos religiosos, os estabelecimentos educacionais passaram a assumir um verdadeiro caráter empresarial, como forma de sobrevivência numa sociedade marcante capitalista.

A concorrência de outros colégios, sobretudo leigos e protestantes, passou a exigir maiores investimentos em termos de recursos financeiros e humanos. Por sua vez, a falta progressiva de elementos qualificados, resultante da acelerada expansão da rede escolar católica dos religiosos, ocasionou uma progressiva contratação de elementos leigos para as atividades de instrução e educação.

Em carta de 26 de novembro de 1913 o inspetor salesiano Pedro Rota escrevia ao superior geral da congregação:

“Os nossos colégios terminam o ano lotados de alunos; nunca receberam tantos. Espera-se um outro ano de grande trabalho, o qual talvez aumentará ainda mais. Nesse passo, seremos obrigados logo a esta situação: teremos dos salesianos os capítulos das casas, os assistentes e alguns professores dos principais. O resto será elemento externo pago. Que fazer?” (3).

A carência de uma preparação adequada desses professores nos co-

légios católicos trouxe algum prejuízo para as metas especificamente religiosas auspiciadas pelo episcopado, embora por vezes melhorando o nível cultural.

O apoio da burguesia emergente

A expansão da rede escolar católica nos centros urbanos do país se deve em grande parte à colaboração efetiva oferecida tanto pela antiga classe senhorial agrária, tradicionalmente católica, como pela nova burguesia emergente por aqueles setores mais vinculados aos padrões conservadores de vida.

Foi, de fato, a partir de meados do século XIX, com o início do processo de industrialização e urbanização do país, que se começou a sentir necessidade de maior formação cultural. Daí o interesse das elites com relação à instrução e educação de seus filhos. Como a idéia de cultura era apresentada em geral vinculada à promoção da europeização, era evidente a atração exercida pelos colégios católicos.

Pedro Ribeiro de Oliveira enfatiza esse aspecto escrevendo:

“As elites brasileiras consomem a produção intelectual e artística européia e procuram imitá-la. Aliás, a burguesia agrária, desejosa de dar a seus filhos uma educação moderna e cuidada, vai colocá-los em escolas dirigidas por europeus, especialmente nas escolas dos jesuítas, dos maristas, das irmãs de Sion, dos salesianos e de várias outras congregações religiosas masculinas e femininas. Isso não significa que

a burguesia agrária estivesse muito interessada na formação cristã de seus filhos, e sim que procurava um ensino moderno, dado por professores qualificados, similar ao ensino europeu" (4).

Por essa razão, esses membros das classes dirigentes do país passaram a dar todo o apoio quando se tratava da fundação de colégios.

2. A IMPLANTAÇÃO DA REDE ESCOLAR CATÓLICA

Com o incentivo do episcopado e mediante o apoio da burguesia agrária a rede escolar católica desenvolveu-se rapidamente, através de diversos tipos de estabelecimentos de ensino: escolas paroquiais, internatos, externatos e semi-internatos, escolas profissionais e agrícolas, escolas normais, cursos superiores e universitários. É necessário, portanto, compreender o alcance e o significado desses diversos setores através dos quais se implantou no país a rede escolar católica

Os internatos

Os internatos constituíram a primeira modalidade da educação católica implantada no período da romanização. Desde meados do século passado até a década de 40 deste século tiveram uma difusão muito grande. De fato, o maior investimento realizado pelos religiosos tanto em recursos econômicos como humanos orientou-se para os estabelecimentos destinados a alunos em regime de internato.

Dois aspectos principais contribuíram para essa multiplicação dos

Essa colaboração se traduzia em oferta de terrenos, auxílios financeiros para a construção de edifícios e sua progressiva modernização, bem como no pagamento das mensalidades estabelecidas para a educação e instrução dos alunos. O apoio econômico, portanto, era oferecido na expectativa de uma melhor formação cultural para seus próprios filhos.

internatos. Em primeiro lugar, esses estabelecimentos eram tidos como uma necessidade para viabilizar a educação dos filhos de parte significativa da população brasileira residente ainda no interior, em fazendas e engenhos. Para muitas famílias que não moravam ainda nos centros urbanos, era uma solução ideal para a educação de seus filhos.

Em segundo lugar, os internatos eram considerados pelos religiosos como o ambiente ideal para efetuar a educação católica, exatamente pela segregação em que os alunos eram conservados, seja com relação à própria família, seja com relação à vida social. Nesse sentido, esses colégios passaram a constituir verdadeiras ilhas ou redomas em que os alunos eram educados, ocupados exclusivamente na formação religiosa e na instrução cultural.

Na serra do Caraça em Minas Gerais, os padres lazaristas mantinham um internato já muito concorrido desde os primórdios do Segundo Reinado. Em Itu, a partir da década de 1860-1870 os jesuítas haviam instalado o colégio São Luís, poste-

riormente transferido para São Paulo. Os salesianos, por sua vez, iniciavam em Niterói o colégio Santa Rosa em 1883.

Quanto à educação feminina, as religiosas mais antigas a atuar nessa área foram as Filhas da Caridade, com colégios em Minas e na Bahia, possuindo no Rio de Janeiro o importante colégio da Imaculada Conceição, na praia de Botafogo.

A imprensa liberal reagiu contra a expansão do ensino ministrado pelos religiosos, considerados na época como expressão do poder dos jesuítas. Por isso o redator da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro proclamava em 1883:

“Reajamos contra eles, porque eles representam a invasão estrangeira. Crucificada que seja a vítima, lançarão os dados e dividirão a vestimenta. Mas a túnica brasileira é *inconsutilis*, e não serão os sinistros fariseus de Itu ou Niterói, Caraca ou Botafogo que hão de retalhá-la” (5).

Geralmente os internatos recebiam meninos e meninas dos 9 aos 16 anos de idade, privilegiando o curso secundário da época.

As escolas paroquiais

Após a proclamação da República, o ensino leigo foi estabelecido oficialmente nas escolas públicas. Como forma de reação, a hierarquia católica passou a incentivar a fundação de escolas paroquiais, onde fosse ministrado o ensino católico.

Foi nas regiões das colônias de imigrantes europeus, como Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde as escolas paroquiais tiveram maior difusão. Na realidade, desde a sua chegada ao país, esses colonos se haviam preocupado não apenas com o culto, mas também com a instrução e educação religiosa de seus filhos. Daí a importância do mestre-escola, cuja atividade era subvencionada pela própria comunidade. Dessa forma, pouco a pouco, ao lado das capelas começaram a surgir os primeiros salões de escolas.

Já desde 1900 chegavam ao Brasil as religiosas italianas da congregação das Apóstolas do Sagrado Coração Jesus para assumirem a direção de escolas paroquiais, sobretudo no Paraná e Santa Catarina.

Um incentivo às escolas paroquiais foi dado pelo Bispo de Santa Catarina, Dom João Becker, na carta pastoral de 12 de outubro de 1909, estabelecendo entre outros os seguintes mandamentos:

“Todas as escolas paroquiais devem chamar-se paroquiais sem outra adjetivação. As escolas paroquiais podem ser subsidiadas por governos estrangeiros, admitindo-se porém como única condição a obrigatoriedade do ensino da respectiva língua estrangeira, sem direito de fiscalização direta” (6).

Foi exatamente visando multiplicar professoras para as escolas paroquiais de Santa Catarina que o franciscano alemão, Policarpo Schuen, fundou em Rodeio, a Com-

panhia das Catequistas: "Estas são simples donzelas cristãs de irrepreensível conduta e dotadas de um expressivo amor à juventude que somente por amor de Deus e sem interesse material se dedicam à educação da mocidade nas escolas paroquiais..." (7).

Os primórdios da obra datam de 1914, transformando-se em seguida na Congregação das Catequistas Franciscanas.

Os externatos e semi-internatos

A partir da Revolução de 1930 iniciou-se no país um processo de urbanização mais acelerado. Com isso, aumentou a necessidade de ampliar o atendimento escolar para as populações das cidades. Desde então começou, pouco a pouco, a se intensificar a abertura de externatos, onde os alunos permaneciam no colégio apenas por um período do dia, de manhã ou de tarde. Ao lado dos grandes internatos, desenvolveu-se cada vez mais a secção de externato. Vivendo então os alunos em companhia dos pais, foi possível ampliar a rede escolar de ensino primário, destinado ao aprendizado das primeiras letras.

Também para isso não faltou o incentivo do episcopado. Já na pastoral coletiva de 1910 os bispos do centro-sul do país declaravam:

"Desejamos ardentemente que se encarreguem da direção das nossas escolas primárias, os religiosos das diversas congregações de ambos os sexos, aprovadas pela Igreja, os quais deverão adotar os métodos

modernos mais aperfeiçoados do ensino primário" (8).

Merece ser destacada a preocupação do episcopado com a seriedade do ensino. Mas o interesse predominante era direcionado para a doutrinação católica, sobretudo nessa época em que o papa Pio X passara a incentivar a recepção precoce e freqüente dos sacramentos da confissão e comunhão.

Geralmente, porém, os religiosos consideraram os externatos como um instrumento de educação mais frágil, pelo constante contato dos alunos com as famílias e a sociedade.

A fórmula de semi-internatos foi também utilizada, embora não com a mesma amplitude dos internatos e externatos.

A freqüência aos externatos e semi-internatos era reservada prioritariamente às famílias das classes médias e abastadas, em vista das taxas escolares. Por vezes, porém, fazia-se a redução das mensalidades para famílias de condição remediada.

Visando atender às necessidades das classes operárias, foram também estabelecidos os cursos noturnos, com maior incremento a partir da década de 50.

Na medida em que se ampliava a rede dos externatos e semi-internatos, os antigos internatos entraram em declínio passando a acolher com freqüência alunos cujos pais viviam separados, ou que se mostra-

vam indóceis na convivência familiar. Daí maiores dificuldades para o processo educativo, com resultados menos satisfatórios, contribuindo também isso para o encerramento desse tipo de prestação de serviços comunitários.

As escolas profissionais e agrícolas

Embora constituindo no conjunto um setor secundário das atividades dos religiosos na área educativa, merecem todavia ser lembradas as escolas profissionais e agrícolas.

A contribuição na área do ensino profissional e agrícola foi oferecida sobretudo por religiosos de origem italiana.

Já desde 1895 os escalabrinianos fundavam em São Paulo o orfanato Cristóvão Colombo, destinado à educação profissional dos filhos dos imigrantes (9).

Também os padres orionitas, estabelecidos no Brasil desde 1914, desenvolveram alguma atividade desse setor. O mesmo se deve dizer da congregação fundada pelo Pe. José Murialdo.

Mas sem dúvida a contribuição mais importante nessa área foi realizada pelos discípulos de Dom Bosco.

As primeiras escolas profissionais salesianas foram fundadas em Niterói e São Paulo, respectivamente em 1883 e 1885. Tiveram grande importância nas últimas décadas do século XIX e nos primórdios desse

século, obtendo diversos prêmios em exposições nacionais e internacionais pela alta qualidade de seus trabalhos.

No Mato Grosso iniciaram os salesianos em 1894, o Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo. Nesse mesmo estado foi fundada em 1897 a Escola Agrícola de Coxipó da Ponte.

Em 1900 fundou-se em Jaboatão, perto do Recife, a Escola Agrícola São Sebastião.

Mas a mais importante foi sem dúvida a Escola Agrícola de Cachoeira do Campo, a primeira delas, fundada já em 1896, em Minas Gerais.

A importância das escolas profissionais e agrícolas dirigidas pelos salesianos foi ressaltada por Gilberto Freyre, nestes termos:

“Em nenhum dos colégios da época se iniciavam os meninos em qualquer arte e ofício, deixando-se esse ensino exclusivamente para os liceus de artes e ofícios, para os patronatos, para os aprendizados de artífices. Aqui se deve destacar notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: a representada pelos colégios salesianos, que foram estabelecidos no país nos fins do século XIX. Colégios do tipo de Santa Rosa, de Niterói, onde aos estudos secundários se acrescentava os de artes e ofícios, segundo as mais modernas técnicas em vigor nessas artes e nesses ofícios”.

Em seguida, o mesmo autor conclui:

“Antecipando-se esse progresso católico — o do ensino técnico, o das artes e ofícios, o do aprendizado mecânico — ao progresso intelectual que se vinha esboçando em subáreas brasileiras como a paulista, nessa antecipação a Igreja revelou-se atenta aos novos rumos e tendências do desenvolvimento brasileiro” (10).

As escolas normais

Durante a época republicana, diversas congregações femininas, tanto européias como brasileiras, deram início à fundação de Escolas Normais, a fim de formar professoras católicas para a área de educação. Foi sem dúvida uma contribuição importante da Igreja no sentido de preparar profissionalmente mulheres pertencentes geralmente às classes médias e altas.

Já a partir de 1899, por exemplo, o governo de Minas oficializava o curso normal estabelecido no colégio das Filhas de Maria Auxiliadora em Ponte Nova, Minas Gerais (11).

Foi exatamente visando a formação de professoras para os colégios católicos e para as escolas públicas que o bispo de Caratinga, D. Carloto, incentivou o Pe. Júlio Maria de Lombaerde a fundar a congregação das Sacramentinas de Nossa Senhora.

O decreto de ereção do Pio Sodalicídio das Irmãs de N. Senhora do

SS. Sacramento, gérmen da nova congregação religiosa, dizia textualmente:

“Tendo em vista a urgente necessidade de ampliar a instrução religiosa nas escolas públicas, mediante professores católicos, pareceu oportuno e premente ter uma congregação religiosa cujo escopo fosse a formação de mestras católicas e piedosas, através das Escolas Normais e de outros colégios de estudos superiores” (12).

O documento era datado de 25 de março de 1929.

De fato, as religiosas sacramentinas abriram logo escolas normais nas cidades mineiras de Manhumirim, Andrelândia, Boa Esperança, São Gotardo e Luz.

Mediante a fundação das Escolas Normais, as congregações tinham também condição de preparar seus próprios membros para exercerem as funções do magistério dentro dos critérios exigidos pelo Estado brasileiro.

Curso superior e universitários

Com o início da era republicana, houve uma maior expansão da rede escolar, resultante de uma maior procura por parte da população de formação cultural. Começaram assim a ser incentivados os cursos superiores, abertos inclusive à participação feminina. Atentos a essa evolução dos acontecimentos, os bispos do Brasil escreviam em 1910:

“Como em nossa época se vai generalizando cada vez mais o costu-

me de se maricularem também as moças nas escolas e institutos de estudos superiores, aprovamos que se apliquem também elas ao estudo das ciências e da educação civil, contanto que se acautelem os princípios da fé católica, da honestidade dos costumes e reta razão”.

E acrescentavam em seguida:

“Recomendamos pois que as moças católicas, que, pelas circunstâncias, julgarem ser-lhes útil ou necessária uma instrução mais desenvolvida e uma educação mais apurada, freqüentem os estabelecimentos desse gênero, fundados com a aprovação do Ordinário, e dirigidas por senhoras piedosas, e pelas diversas congregações de irmãs que se dedicam ao ensino” (13).

Além das escolas normais já referidas anteriormente, a Igreja Católica passou em seguida a oferecer para as mulheres os cursos superiores de serviço social.

A idéia desses cursos nasceu em 1932, com a vinda de Christine Himptine ao Brasil, com o apoio da União Internacional de Leigas Femininas Católicas, a fim de difundir a idéia da Associação Católica Feminina. Tanto em 1932 como em 1934 deu vários cursos no Rio de Janeiro, a convite do cardeal Leme.

Esses cursos constituíram a base para a criação dos Cursos de Serviço Social, mais tarde reconhecidos oficialmente. Tais cursos eram freqüentados inicialmente por mulheres católicas das classes abastadas.

A congregação brasileira das Irmãs de Jesus Crucificado, funda-

da em 1929, deu em seguida grande importância à formação de suas religiosas em cursos de serviço social, assumindo inclusive posteriormente a direção de Faculdades de Serviço Social.

A partir de 1922 fundou-se no Rio de Janeiro, o Centro Dom Vital, uma organização de intelectuais católicos. Por iniciativa deles surgiu em 1929 o Instituto Católico de Altos Estudos, sob a direção de Alceu de Amoroso Lima. Este instituto tornou-se o embrião para a fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Esta começou a funcionar a partir de 1941, mediante um projeto levado avante pelo jesuíta Leonel Franca, tendo como seu braço direito Alceu de Amoroso Lima.

Nessa mesma época as religiosas de Santa Úrsula, atendendo ao desejo da Santa Sé, decidiam fundar no Rio de Janeiro um curso superior para a juventude feminina. Aproveitando o corpo de professores já selecionado para a Universidade Católica, deram início à Faculdade Feminina Santa Úrsula, hoje transformada em Universidade.

Em vista das facilidades oferecidas pela legislação vigente, fruto da reforma Capanema de 1942, alguns institutos religiosos, como os salesianos, passaram a transformar alguns de seus cursos de filosofia, destinados à formação de seminaristas, em Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, propiciando assim também os títulos acadêmicos necessários para que seus religiosos

pudessem exercer as funções de magistério. Tal foi o caso das Faculdades de Filosofia de Lorena em São Paulo, e de São João Del Rei em Minas Gerais. Esses cursos foram

em seguida abertos à participação de alunos externos.

Nos anos seguintes, as Faculdades e Universidades católicas se multiplicaram de forma significativa.

3. CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO MINISTRADA NOS COLÉGIOS CATÓLICOS

É importante assinalar algumas características que marcam não só a forma de educação, como também o ensino ministrado nos colégios católicos, a maioria dos quais fundados e dirigidos por institutos religiosos.

Em primeiro lugar, trata-se de uma educação alicerçada na fé católica, concebida na época de forma acentuadamente apologética. O moralismo rigorista e puritano constituiu um segundo aspecto importante, daí resultando a formação de uma mentalidade tipicamente conservadora. O enfoque clássico e humanista expressa, por sua vez essa perspectiva tradicional. Por último, deve-se ressaltar também o caráter autoritário que permeia as instituições educacionais desse período.

A fundamentação na crença

Sem dúvida, a principal característica da educação católica é a preocupação com a fundamentação religiosa. Os colégios são fundados visando prioritariamente manter a fé católica entre a juventude brasileira.

Não obstante, com bastante frequência a fé é apresentada como

um conjunto de verdades teóricas, nas quais se deve acreditar, mas onde nem sempre se percebe a vinculação existente com a prática da vida cotidiana.

Uma dimensão importante da educação católica nesse período é o caráter apologético. Dessa forma, os colégios protestantes e as escolas leigas são considerados como os principais inimigos a serem combatidos.

Já em 1890, D. Macedo Costa elencava entre os principais deveres do clero o seguinte:

“Visitar as escolas, procedendo quando possível de acordo com os mestres de modo a não perder a influência sobre eles, vigiar sobre o ensino, o proceder moral e religioso dos ditos mestres, e no caso de estabelecer-se na sua paróquia um ensino positivista ou ateu, dissuadir os pais de família a mandarem seus filhos a essas escolas de perdição, e estabelecer, custe o que custar, uma escola cristã com forte ensino e boa disciplina, para neutralizar o mal causado por aquelas fontes de impiedade e de corrupção” (14).

A partir dos anos 20 dá-se também grande ênfase ao combate das

idéias comunistas. O medo do ateísmo faz com que a religião seja apresentada com frequência como o baluarte da ordem estabelecida, contra as mudanças e reformas apregoadas pelas classes populares.

O moralismo rigorista e puritano

Outra característica importante da educação católica é a tônica moralista.

A formação dos próprios religiosos era realizada através de uma repressão corporal muito forte, acompanhada ao mesmo tempo da proibição de qualquer tema referente a impor aos alunos aquelas normas segundo as quais eles também haviam sido educados.

É bastante sugestivo a esse respeito o depoimento de Helma Freire de Brito, ex-aluna do colégio das irmãs sacramentinas de Nossa Senhora, em Boa Esperança, Minas Gerais:

"As irmãs, tão novinhas, sendo algumas da idade das próprias alunas... Andavam sempre de duas a duas pelas ruas, ou em grupos, quando iam à Igreja. Cabisbaixas, silenciosas, discretas...

"Tudo era então diferente. O relacionamento com as irmãs era gratificante, porém periférico. Chegávamos a achá-las diferentes de nós, etéreas, como se fossem seres de outro planeta. Nem comer podiam na nossa frente. Falar de namorado? Um absurdo! Quanto tabu!

"Para entrar no colégio, sem uniforme, precisávamos calçar meias,

colocar vestidos com mangas, e as que se aventurassem a aparecer com unhas e lábios pintados, iam direto para o inferno. Eu, apesar do medo, estava sempre nesse rol" (15).

É importante assinalar que normas análogas existiam em qualquer colégio dirigido por religiosas. Aliás, esse cunho rigorista e puritano estava também presente nos estabelecimentos dirigidos pelos religiosos.

A mentalidade conservadora

A maior parte dos religiosos que se transferiram para o Brasil nesse período, como missionários, eram provenientes da área rural, e pertencentes a famílias de tradição conservadora.

Por sua vez, também o recrutamento vocacional passou a ser feito prioritariamente nas áreas de colonização européia, onde se haviam estabelecidos verdadeiras ilhas de cristandade. Em geral, portanto, a mentalidade dos religiosos era extremamente restritiva com relação às mudanças de hábitos decorrentes do processo de urbanização.

Assim sendo, a educação católica visava muito mais salvaguardar os valores estabelecidos dentro da antiga sociedade rural do que preparar os alunos para o mundo moderno.

Maria José Rosado Nunes analisa com acuidade esse aspecto escrevendo:

"Condições específicas ao campo religioso, aliado à posição da mu-

lher, e especialmente da irmã de caridade na sociedade e na Igreja Católica e ao contexto sócio-político brasileiro, vão permitir, então, que a vida religiosa feminina vá se firmando dentro de padrões rígidos de organização interna, e de aparente fechamento às mudanças ocorridas na sociedade. Com o tempo, dá-se uma certa desvinculação das igrejas locais e as congregações desenvolvem projetos institucionais próprios. A predominância dos interesses da instituição faz com que esta se volte sobre seus próprios problemas e seu objetivo de crescimento e expansão”.

E em seguida acrescenta:

“Esse fechamento institucional, sustentado por uma ideologia religiosa fundada numa concepção sacral do mundo... contém um dos elementos explicativos da razão pela qual a vida religiosa feminina permaneceu, de certa forma, refratária às transformações operadas na sociedade brasileira mais ampla. Enquanto esta se industrializava e urbanizava, ascendendo ao poder uma burguesia industrial nascente, a vida religiosa continuava a pautar-se por padrões arcaicos, tendo como clientela mais significativa, especialmente nos colégios, as filhas da oligarquia rural em decadência” (16).

Essas mesmas observações valem também para a atuação dos religiosos educadores, cuja mentalidade era análoga.

O horizonte clássico e humanístico

Enquanto os colégios protestantes passaram a utilizar elementos da

cultura moderna voltada para a ciência, a educação católica permaneceu enraizada dentro dos padrões literários da cultura clássica, como observa oportunamente Pedro Ribeiro de Oliveira:

“A burguesia industrial e alguns setores das novas classes médias dão preferência às escolas protestantes, de origem norte-americana, cujo ensino pedagogicamente mais avançado enfatiza as ciências físicas e matemáticas e se voltam para o mundo industrial; enquanto as escolas católicas caracterizam-se por sua formação humanística clássica” (17).

Essa formação católica dentro dos padrões tradicionais de cultura foi ressaltada por Gilberto Freyre, ao referir-se aos internatos femininos do século passado:

“Aos oito ou nove anos, era a menina de família patriarcal mais opulenta enviada para um internato religioso, onde ficava até os treze ou quatorze. Aí a sua educação começada em casa, continuava. Aprendia a delicada arte de ser mulher. Música, dança, bordado, orações, francês, e às vezes, inglês, leve lastro de literatura eram os elementos de educação de uma menina num internato escolar”.

Mais adiante o mesmo autor resalta a importância das religiosas francesas, nesse tipo de educação, escrevendo:

“Note-se dos internatos elegantes para meninas que vários, na época aqui considerada, foram se tornando casas de ensino mantidas menos

por particulares. — nacionais ou estrangeiros — e por mestres brasileiros, do que por religiosas francesas. Tornou-se moda, que se prolongaria por todo o século XIX, a menina de família ilustre receber de religiosas francesas a sua educação que incluía, como era natural que incluísse, o aprendizado da língua de Bossuet" (18).

No campo da educação masculina, a prioridade dessa educação de tipo francês ficou por conta dos irmãos maristas e lassalistas, chegados ao Brasil no princípio do século XX.

O caráter autoritário

Uma das características predominantes no modelo tridentino de Igreja era o seu caráter autoritário. Os clérigos era considerados como os sucessores de Cristo com a missão específica de guiar os leigos para o caminho da salvação.

Como decorrência dessa mentalidade, a educação católica passou a ser apresentada ao redor de dois pólos: de um lado os superiores, mercedores de acatamento, respeito e veneração, aos quais incumbia a missão de orientar os seus alunos; do outro, os súditos ou subordinados, com obrigações bem definidas por aqueles que eram considerados representantes da vontade divina.

Dentro desse contexto, compreende-se que nesse período a educação católica fosse regulada prevalentemente pelos conceitos de submissão, humildade e obediência, bem como de respeito à ordem estabelecida e às autoridades constituídas.

Assim sendo, com muita frequência a ação educativa era concebida como uma tarefa visando dobrar o orgulho e a vaidade dos alunos, bem como coibi-los em seus desejos de liberdade e autonomia. Daí a ênfase na importância da disciplina e da ordem.

A palavra disciplina, de origem latina, significa aprendizagem. Na tradição católica, porém, o aprendizado era entendido como o resultado de um processo coercitivo. Por isso o termo disciplina passou a designar também nas comunidades religiosas, instrumento de flagelação. Nessa perspectiva, o pior aluno era o indisciplinado ou seja, aquele que não se sujeitava ao regime de vida que lhe era imposto.

Os educadores, portanto, deviam viver sob as ordens de seus superiores, comportando-se como subordinados. Querer decidir sobre a própria vida significava insubordinação, outra atitude execrada pelos educadores religiosos.

Havia bastante semelhança entre esses princípios e a formação ministrada nas escolas militares e nas casernas. Daí a simpatia e o apreço mútuo existente nesses períodos entre Igreja e Exército, consideradas como as duas forças de manutenção da ordem no país. Aliás, o serviço militar obrigatório difundiu-se no Brasil com o apoio do episcopado, e os colégios católicos se prontificaram com frequência a ministrar cursos de preparação militar.

Ao invés das penalidades físicas impostas pelas autoridades militares a seus subordinados, os educa-

dores católicos utilizavam de preferência instrumentos de coerção moral, insistindo sobre a gravidade dos pecados e os castigos do inferno. É evidente que a aplicação mais ou menos rígida desses princípios variava de congregação para congregação, de colégio para colégio, de superior para superior. Mas era mantida sempre a mesma orientação básica. Assim sendo, a aceitação da educação católica passava a constituir uma garantia e um instrumento de salvação eterna.

CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, alguns aspectos merecem ser destacados. Em primeiro lugar, é importante assinalar o caráter prioritário que teve a educação católica no período da romanização da Igreja no Brasil. Desde meados do século passado, de fato, a hierarquia católica, incentivada pela Santa Sé, passou a estabelecer como uma das metas prioritárias de sua ação pastoral o incremento das escolas católicas.

Nesse setor os bispos receberam preciosa colaboração dos institutos religiosos tanto brasileiros como de origem européia. Foi graças à atuação dos religiosos que os estabelecimentos de ensino se multiplicaram no país, privilegiando os centros urbanos e o centro-sul do país.

Além das áreas de imigração européia, a rede escolar católica passou a atender de modo especial à burguesia agrária, que paulatinamente ia substituindo a antiga aristocracia rural. Desse modo a Igreja pas-

sou a um papel significativo na formação cultural das elites que formaram as classes dirigentes.

A preocupação fundamental da hierarquia eclesiástica orientava-se no sentido de preservação da fé católica, assumindo portanto uma atitude apologética com relação ao ensino leigo e aos colégios protestantes.

As escolas católicas mantiveram geralmente padrões de educação marcadamente conservadores, sob a influência de uma ética puritana. Privilegiavam além disso o ensino literário e clássico, enquanto os estabelecimentos protestantes mostravam-se mais abertos para o mundo moderno e para os conhecimentos científicos.

Os colégios dos religiosos eram muito apreciados pela sociedade tradicional, por sua ênfase na ordem e na disciplina. Ao mesmo tempo, também, ministravam uma cultura européia bem a gosto da burguesia emergente e das classes médias urbanas em ascensão.

É importante ainda destacar o papel exercido pelos religiosos na formação de professores, através das escolas normais e seminários, e posteriormente mediante as faculdades e universidades.

Embora representando uma atividade secundária, progressivamente marginalizada, deve-se recordar também a educação ministrada pelas escolas profissionais e agrícolas, mais próxima de classes populares.

(1) Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, v. I, p. 398. (2) D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará — arcebispo primaz (1830-1891), São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1982, p. 67. (3) Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1984, v. IV, p. 110. (4) Oliveira, Pedro Ribeiro de, *Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 233. (5) *Gazeta de Notícias*, n. 208, 27 de julho de 1883, p. 1. Vide Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, v. I, pp. 315ss. (6) Becker, João (dom), *Segunda Carta Pastoral sobre as escolas paroquiais*, Florianópolis, Tip. Brasil, 1909, p. 25. (7) Valandro, Ede Maria, *Um chamado se faz caminho*, Joinville, Edição das Irmãs Catequistas Franciscanas, 1986, p. 18. (8) Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre, Rio de Janeiro, Leuzinger, 1911, p. 338, n. 1184. (9) Vide Azzi, Riolando, *A Igreja*

e os Migrantes, São Paulo, Ed. Paulinas v. I, pp. 153ss. (10) Freyre, Gilberto, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olympio, 3ª ed., 1974, v. II, pp. 581; 587-88. (11) Azzi, Riolando, *Os Salesianos em Minas Gerais*, Editora Salesiana Dom Bosco, 1986, v. I, pp. 149-152. (12) Botelho, Demerval Alves, *Anais Sacramentinos*, Manhumirim, Ed. Sacramentina, 1982, p. 89. (13) Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre. (14) D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará — arcebispo-primaz (1830-1891), São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1982, p. 60. (15) *A luz da história*, v. I, p. 59. Texto mimeografado. Congregação das Sacramentinas de Nossa Senhora. (16) Nunes, Maria José F. Rosado, *Vida Religiosa nos meios populares*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 35. (17) Oliveira, Pedro Ribeiro de, *Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1985, pp. 233-234. (18) Freyre, Gilberto, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, Rio de Janeiro, Artenova, 1977, 2ª ed. p. 86. □

Duas citações — Dois comentários

Bíblia — “Tu, porém, ó homem de Deus, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão”, 1 Tm 6, 11.

Leitor — Coisas sumamente úteis e nada arriscadas. *Justiça*: retidão com o semelhante. *Piedade*: retidão com Deus. *Fé*: adesão a Jesus Cristo. *Amor*: concretização da fé. *Perseverança*: superação dos conflitos internos e externos. *Mansidão*: ser como Jesus, manso e humilde de coração.

Bíblia — “O Senhor é fiel e há de fortalecer-vos e guardar-vos do Maligno”, 2 Ts 3, 3.

Leitor — O ‘Senhor é fiel’, ou seja, ele chama, escolhe, santifica, cumpre as promessas, não abandona os seus. Leva até o fim, até a perfeição, a obra que começou. A fidelidade de Deus seja correspondida com a nossa fidelidade às exigências do Evangelho (Pe. Marcos de Lima, SDB).

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:

Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, CF

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1990

Brasil, taxa única:

terrestre ou aérea NCz\$ 429,00

Exterior: marítima US\$ 38,00

aérea US\$ 48,00

Número avulso NCz\$ 42,90

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Sinaliza, em instantânea percepção visual ilusória, algo como uma tela de TV, este prodigioso projetor de cenários fugidios, incapaz, porém, de revelar a realidade por trás da rapidez da luz em movimento e da imagem em ação. A TV domina o nosso cotidiano e reflete, em nossas estruturas interiores, o conjunto da trama de nosso tempo. Cada vez **MAIS** se pensa **MENOS** sem a **IMAGEM** como fator constituinte de sua expressão ou de seu processo de criação. Hoje a dinâmica telemática, com horizontes inimagináveis, ameaça aposentar o papel como suporte fi-

sico informacional. A sociedade informatizada tornou obsoletos os parâmetros unidimensionais da linha e bidimensionais da superfície. Ela quer o ESPAÇO e, por isso, o código agora é outro: antena parabólica, disquete, fotograma de vídeo, 'frame', inteligência artificial, laboratório holográfico, 'laser', osciloscópio, satélite, terminal de acesso remoto, 'transponder', etc. Utilizando avanços tecnológicos eletroacústicos, sonha-se com o som da cor e a cor do som sintetizados eletronicamente com força icônica e semântica. É no vídeo, se alega, e não na PÁGINA que a palavra, num 'clone' sincrético, se realiza plenamente. /// A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) dispõe de uma retórica como estratégia de argumentação que busca convencer quanto à credibilidade de sua mensagem: **CONVERGÊNCIA** é o meio de que se utiliza. Aqui o meio já é a mensagem. SÓ, a visualização ilude, cria fantasia conceitual e nos mantém na casca de nós mesmos. A LEITURA, porém, propicia o retorno e novas interpretações. LER **CONVERGÊNCIA**, mensalmente, é fértil plataforma de novas possibilidades de iluminação dos mistérios que a Vida Religiosa envolve pelo lampejo de uma observação inédita proveniente da fé (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	1
INFORME DA CRB	3
NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA: EXIGÊNCIA DE CONVERSÃO Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM	13
FORMAÇÃO, VIDA AFETIVA E COMUNIDADE Pe. Dalton Barros de Almeida, CSSR....	18
UMA PESQUISA SOBRE A AFETIVIDADE DOS RELIGIOSOS DO BRASIL Pe. Victor-Hugo S. Lapenta, CSSR	31
A EDUCAÇÃO CATÓLICA NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO DA IGREJA DO BRASIL: 1840 — 1960 Riolando Azzi	48



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
janeiro/fevereiro de 1990

A primeira capa de sua **Convergência**, neste ano de 1990, sinalizará, em percepção visual instantânea, como Você pode examinar neste primeiro exemplar, algo como **tela de TV**, onde, alegasse, em conclusão precoce e de segurança duvidosa, a palavra, em 'clone' sincrético, se realiza plenamente. A TV, com seus truques eletrônicos gerados por computador, exprime, com eloquência, a complexidade e as contradições de nosso tempo.

A Constituição Federal, Art. 5º, Inciso IX, preconiza: "**É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de COMUNICAÇÃO...**". Do ponto de vista constitucional, é impossível falar mais claro: a censura acabou. Por isso, a TV, em sua permanente atitude de 'acting', isto é, representação, pode perder a cabeça — ou já perdeu? — e partir para a loucura total. A TV, aqui no Brasil, tornou padrão um tipo de liberalidade inimaginável em outros países desenvolvidos. **Há muito atraso suspenso no ar.** Pela TV, a nossa se transformou numa era de banalização da linguagem, do falso moderno, da plasticidade gratuita, deglutível e biodegradável. Sem padrão de comportamento, no entanto, nenhum empreendimento público pode prosperar em ordem, sobretudo quando penetra nos lares de forma torrencial, sem distinguir espécies de auditório. Com esta liberação legal, **cada um precisa elaborar seu código interno de ética.** A disciplina estrutura a personalidade, promove e alenta o crescimento, a paciência e o amadurecimento nas pessoas e nas instituições.

Magnetizados pela TV que nos atropela com uma sucessão edênica de imagens e emoções rápidas, de sensações que se sobrepõem vertiginosas, **marginalizamos o processo da leitura.** Não se trata de ser contra, o que seria uma visão ideologicamente enviesada. Mas urge reconhecer que o excessivo domínio de um meio de comunicação sobre os demais impregna o ambiente de fluidos narcotizantes. Torna as pessoas, os grupos e comunidades inteiras, insensíveis a outros tipos de signos e mensagens, isto é, a própria razão. **A TV submete a pessoa a uma rotina massacrante de vulgaridades** que estimula, por contraste, a preguiça mental e uma profunda alienação.

Num mundo dominado pelas emanções das torres de televisão não é fidedigno crer na eficácia e no poder do livro e da leitura. Hoje, porém, se fala, sempre com maior insistência, numa tendência denominada 'Back to Basics' que **reserva espaço intocável ao livro no ensino, na educação e na vida.** Nada substitui a leitura como meio de informação, instrução, cultura e lazer. A palavra escrita não é apenas fruição de ordem estética. É, sobretudo, incitamento à reflexão. A carência da leitura desarticula o discurso e cria uma linguagem indeterminada e unidimensional. A decadência da linguagem é o último estágio da decadência do pensamento. **Não há pensamento sem palavra.** E o caminho para o encontro com a palavra é a LEITURA. Por falta de ativa consciência crítica, ou não lemos, ou lemos pouco e mal. Não percebemos o que está por trás das palavras e das imagens e em projeção subliminar nas entrelinhas.

SÓ, a visualização televisiva ilude e nos mantém na casca de nós mesmos. A TV faz prevalecer o secundário sobre o essencial, a imagem sobre a mensagem. Só a leitura busca e encontra os móveis mais profundos, reais e decisivos, porque menos visíveis, da conduta humana. Eu sei que a telemática, em sua expressão máxima, **a TV, contém um encabulado toque mítico e misterioso.** Mas não se iluda. Vá além das aparências, do imediato, do superficial, do precário. Com respeito à TV, revele-se recalcitrante, indócil, insubmisso, com autonomia e independência. O livro, nestes tempos de TV, parece anacrônico como objeto de museu. Mas não o é. Comece a ler. Leia mais. E melhor. **Uma leitura bissexta apenas não resolve.** LER insinua plantio e gestação hoje, floração, promessa de vida, vida farta como nas searas, amanhã.

Desejando-lhe **toda PAZ** — consigo, com o próximo, com Deus — e **todo BEM**, com exclusão da injustiça e da opressão, sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável

Convergência e Publicações CRB